



José Mendes Fonteles Filho
ORGANIZADOR

Claudevanda dos Santos
Raimundo Henrique dos Santos

A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim

histórias dos pescadores Tremembé



**A PESCA NO MAR DE ALMOFALA
E NO RIO ARACATIMIRIM:
HISTÓRIAS DOS PESCADORES**

TREMEMBÉ

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor
Prof. Henry de Holanda Campos

Imprensa Universitária
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

José Mendes Fonteles Filho
(organizador)

Claudevanda dos Santos
Raimundo Henrique dos Santos

**A PESCA NO MAR DE ALMOFALA
E NO RIO ARACATIMIRIM:
HISTÓRIAS DOS PESCADORES
TREMembÉ**



Fortaleza
2014

A pesca no Mar de Almolfa e no Rio Aracatimirim: História dos pescadores Tremembé

Copyright © 2014 by Claudevanda dos Santos e Raimundo Henrique dos Santos

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, Benfica — Fortaleza - Ceará

Coordenação Editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de Textos

Antídio Oliveira

Projeto Gráfico e Diagramação

Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

S237p

Santos, Claudevanda dos

A pesca no mar de Almolfa e no rio aracatimirim: histórias dos pescadores Tremembé / Claudevanda dos Santos, Raimundo Henrique dos Santos; Organizador: José Mendes Fonteles Filho. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

104 p. : il. ; 21 cm. (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-218-8

1. Índios Tremembé - educação -Almolfa (Itarema, CE).
2. Índios - educação. I. Título.

CDD 371.829808131

A PRAIA DOS TREMEMBÉ

(Música)

Oh, que praia bonita
A praia dos Tremembé
Tem camarão e siri
Tem tudo que a gente quer
Tem caranguejo e guaiamum
Tem mão-no-olho e sié
Quem quiser que venha ver
A beleza da praia
Dos índios Tremembé

DANDÃO - *in memoriam*
(Liderança Tremembé)

O mar não admite três coisas: a inveja, a ganância e a ambição, porque o mar dá e toma ao mesmo tempo. Isto acontece com quem não aproveita o que ele dá.

in TREMEMBÉ, OS DEUSES DO MAR - MITS, 2010

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Tupã e aos encantados, que nos deram forças para enfrentar as dificuldades da caminhada;

Às nossas famílias, que suportaram nossas ausências e compreenderam o motivo delas;

Às nossas comunidades e lideranças pela presença constante, nos animando e transmitindo os saberes dos troncos velhos e a sabedoria que só o tempo ensina;

Aos amigos, que nos incentivaram e não nos deixaram desanimar;

Aos nossos mestres, que nos repassaram seus conhecimentos com paciência e alegria;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, pelo apoio à realização deste trabalho, através da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS;

Em especial à Marly Schiavini de Castro, da Igreja Metodista, pela sua dedicação aos Tremembé de Almofala, nos últimos dez anos, e ao criterioso incentivo e auxílio na realização deste trabalho.

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR	11
INTRODUÇÃO	13
Capítulo I - PESCA TRADICIONAL TREMEMBÉ	15
Capítulo II - O PESCADOR TREMEMBÉ	21
Capítulo III - A PESCA NO MAR	25
3.1 Embarcações	26
3.2 Construção da jangada	28
3.3 Construção da canoa	30
3.4 Construção do bote	31
3.5 Tipos de pescaria	33
3.5.1 A pesca da lagosta com rede	33
3.5.2 A pesca da lagosta com manzuá	33
3.5.3 A pesca de linha de mão	35
3.5.4 A pesca com rede de emalhar	38
3.5.5 A pesca de curral	39
3.5.6 A pesca de marambais	42
Capítulo IV - A PESCA NO RIO ARACATIMIRIM	45
4.1 Os tipos de pescaria	47
4.1.1 A pesca com malhadeira (ou galão) no rio	47
4.1.2 A pesca com tarrafa	48
4.1.3 A pesca de curral no rio	50
4.1.4 A pesca do camarão no rio	52
4.1.5 A pesca com jangarela	54
4.1.6 A pesca com as mãos	54
4.1.7 A pesca com linha de mão	55

CONCLUSÃO	57
BIBLIOGRAFIA	59
ANEXOS (Entrevistas)	61
Anexo 1	
Entrevista com Francisco Marques do Nascimento	61
Anexo 2	
Entrevista com Tarcísio Marques do Nascimento	68
Anexo 3	
Entrevista com José Geraldo dos Santos	73
Anexo 4	
Entrevista com João Marques do Nascimento	79
Anexo 5	
Entrevista com Deusdete Cabral de Sousa	85
Anexo 6	
Entrevista com Manoel Raimundo Cabral	87
Anexo 7	
Entrevista com Luís Manoel do Nascimento	89
Anexo 8	
Entrevista com João Gomes dos Santos	91
Anexo 9	
Entrevista com José Félix de Moura	93
Anexo 10	
Entrevista com Estevão Henrique dos Santos	95
Anexo 11	
Nomes científicos dos peixes e crustáceos do mar de Almofala e do rio Aracatimirim	99

CARTA AO LEITOR

Amigo leitor, vimos lhe convidar a conhecer as histórias dos pescadores Tremembé e a pesca tradicional deste povo no mar de Almofala e no rio Aracatimirim. Ambos se localizam no município de Itarema, no aldeamento indígena Tremembé de Almofala, a 230 km de Fortaleza, no litoral oeste do estado do Ceará (Figura 1).

Este livro que apresentamos pretende ser um subsídio para que se possa trabalhar nas escolas indígenas diferenciadas. Ele foi produzido com base nas entrevistas realizadas com as lideranças mais velhas das comunidades, nas artes de pesca utilizadas, material fotográfico e pesquisa bibliográfica.

O livro foi dividido em quatro capítulos. O primeiro fala sobre a pesca tradicional Tremembé e a importância da mesma para este povo. O segundo capítulo fala sobre o pescador Tremembé com o enfoque nas suas vivências. O terceiro capítulo trata da pesca no mar, abordando as embarcações no aspecto construtivo e tipos de pescarias praticados e como estas acontecem. O quarto capítulo trata da pesca no rio Aracatimirim, que é diferente da pesca no mar. A principal diferença consiste dos pescadores no rio não precisarem das embarcações para pescar. Desta forma, são descritos os tipos de pescarias praticadas no rio tais como: malhadeira, tarrafa, curral, jangarela e linha de mão na prática da captura de peixes, do camarão, de caranguejo, do siri e outros.

Esperamos que você aprecie a leitura e possa aprender bastante com as vivências na pesca relatadas pelas lideranças entrevistadas que gentilmente nos passaram seus conhecimentos.



Figura 1 – Localização da Praia de Almofala e Rio Aracatimirim no município de Itarema no Estado do Ceará.

Fonte: Google Earth - adaptado.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi pensado com grande carinho e dedicação e queremos buscar, dentro desse processo de ensino e aprendizagem, uma grande compreensão da realidade da vida do pescador Tremembé de Almofala. Queremos também mostrar a valorização dessa atividade produtiva, a memória, a cultura e experiências vivenciadas na prática.

O pescador Tremembé, desde criança aprende uma boa parte desse conhecimento na convivência do dia a dia e desenvolve esse trabalho junto com a família, tendo, assim, garantido o seu sustento.

Diz a tradição Tremembé que, há centenas de anos atrás, os Tremembé tinham em sua cultura um rito de passagem para transformar os adolescentes em homens. O processo começava a partir dos 5 anos, e com idade de 12, 13 anos, recebiam uma vara apropriada que tinha ponta aguda nas duas extremidades, e com esta vara tinha que matar um tubarão. Aquele que conseguisse matar o tubarão era considerado homem, já podendo casar, fazer sua oca e constituir família. Por isso até hoje os Tremembé são considerados deuses do mar (MITS, 2010).

Este trabalho tem como base as entrevistas semiestruturadas gravadas, cujos participantes foram escolhidos dentre as lideranças das comunidades com grande conhecimento na pesca, que relataram suas experiências e responderam questionário norteador.

Os entrevistados na parte da pesca no mar foram: Francisco Marques do Nascimento (João Venâncio - cacique), João

Marques do Nascimento (João Filho), Estevão Henrique dos Santos (Estevão), José Geraldo dos Santos (Zé Biinha), Tarcísio Marques do Nascimento (Tarcísio Pedro) e na pesca do Rio Aracatimirim foram: Luiz Manoel do Nascimento (Pajé Luiz Caboclo), Manoel Raimundo Cabral (Mané Maroca), Deusdete Cabral de Sousa (Tio Dete), João Gomes dos Santos (João Gomes) e Francisco Felix de Moura (Trival).

Este trabalho tem como objetivo falar dos pescadores, da pesca e dos tipos de pescaria que se desenvolviam antigamente e que ainda ocorrem no mar de Almofala e no rio Aracatimirim, região localizada no Aldeamento Tremembé de Almofala, no município de Itarema, no estado do Ceará.

Capítulo I

A PESCA TRADICIONAL TREMOMBÉ

A pesca tradicional dos Tremembé é conhecida como pesca artesanal e vem sendo praticada ao longo do tempo pelos antepassados deste povo que sempre viveram nesta região costeira.

O povo sempre utilizou as pescarias no mar, no rio Aracati-mirim e nas lagoas da região, na busca da alimentação de subsistência, contribuindo, de forma considerável, para a sobrevivência.

Os Tremembé sempre tiveram uma relação de respeito com o mar, porque é dele que vem parte da proteína animal da sua alimentação no sustento da população. Assim, busca-se ensinar nas escolas indígenas diferenciadas a preservação do ambiente marinho, costeiro e estuarino como forma da continuação desta história.

A atividade pesqueira tem uma grande importância para o povo Tremembé, porque os índios são pescadores natos, tendo grande aptidão para o mar, tendo orgulho disto. Pescam com amor e prazer, sendo o pescado um componente importante na alimentação familiar.

Segundo o Trival, antigamente a pesca era feita na costa com jangada, construída da raiz de timbaúba, de mulungu ou de piúba. “Os nossos antepassados pescavam nesses tipos de embarcações. Nesta época a pesca da lagosta era realizada com o jereré. Só depois apareceram as lanchas”.

O jereré era uma armadilha para pegar a lagosta, com o formato de um landuá de antigamente (Figura 26). Era feito com um círculo de arame com a rede tecida de fios de seda. Esta armadilha foi inicialmente utilizada quando a lagosta ainda não tinha importância econômica de relevância.

Relata ainda que antigamente existia muita fartura de peixe, tais como a pescada, goloza, biquara, cangulo, parum, serra, cavala e outros, que eram trocados por farinha. Trival lembra que, se alguém fosse comprar peixe na beira da praia, não era no peso, se separava uma parte de peixe e cobrava.

O mar da região, chamado mar de Almofala, é rico em pescado, que é capturado através de diversos tipos de armadilha de pesca tais como anzol, rede de emalhar, curral e a marambaia, utilizados para captura dos peixes e o manzuá, para a pesca da lagosta.

O anzol é uma armadilha de pesca utilizada no mar e no rio para a pescaria de peixes, com variações do tamanho do anzol, espessura da linha e peso da chumbada, sendo apropriado para a captura de cada tipo de peixe.

O manzuá é uma armadilha de pesca utilizada no mar para pegar, principalmente, lagosta e, às vezes, pode capturar peixe, sendo o alvo principal a lagosta vermelha ou verde. Atualmente, é a única arte de pesca permitida pela legislação brasileira que é fiscalizado pelo Ibama.

A pesca de subsistência no rio Aracatimirim também é de grande importância, principalmente para os Tremembé do lado da Mata, situada na margem direita do rio, sendo considerado “pai e mãe” desta população.

Nesta região encontram-se as localidades de Varjota e Tapera. Para a população da Varjota, o rio é conhecido e chamado como lagamar, por causa dos alagadiços. O local para a população da Tapera é conhecido e chamado de rio, porque tem os canais que são divididos pelo mangue, por onde corre o rio, e não tem o alagadiço. É também um lugar muito rico de peixes e crustáceos, bastante utilizado para a pesca.

Na margem esquerda do rio Aracatimirim, tem as localidades de Saquinho, Lameirão e Curral do Peixe, que fazem

parte da Região da Praia, que o conhecem também como rio e dele se sustentam.

A atividade de pesca no Aracatimirim também é considerada uma fonte de renda para as famílias Tremembé, porque muitas destas só vivem da pesca e estão conseguindo manter seus filhos com o que eles precisam.

Contam os entrevistados mais antigos que as primeiras jangadas que foram utilizadas na praia de Almofala eram feitas de raiz de timbaubeira e do mulungu (Figura 2). Por um bom tempo eram pregadas com torno feito de pau ferro. Depois surgiu a jangada feita de piúba, que era um rolo de pau bem grosso, madeira que vinha de fora (Figura 3).

O cacique João Venâncio relata que pescou numa jangada de timbaúba que era pequena, mal cabendo duas pessoas, mas foi nela que aprendeu a pescar e a governar com seu parente Zé Isabel.



Figura 2 – Árvore do mulungu, (*Erythrina velutina*) usada antigamente na construção de jangadas.



Figura 3 - Miniatura da jangada de piúba e exemplar da jangada de raiz da timbaúba no litoral de Paracuru-CE (Fotos: Miguel S. C. Braga).

Relata que as estruturas das jangadas mudaram do mulunguzeiro para piúba que era a madeira de fora, vinda do Pará. Houve época que as jangadas eram feitas de timbaúba, complementando com a piúba. As outras jangadinhas, feitas da raiz da timbaúba, acabaram-se e passaram para piúba. Com o passar do tempo, começaram a aparecer as canoas pequenas, conhecidas como boca aberta e que foram aumentando em quantidade.

João Venâncio conta que da jangada de piúba passaram para as jangadas de tábuas, forradas com isopor. Estas jangadas maiores a que faz referência, são as jangadas de tábuas que se difundiram no Ceará partindo da capital, conforme descreve Castro Silva (2004). Nos anos 1940, a jangada de tábua foi introduzida no Rio Grande do Norte e, logo em seguida, se espalhou por quase todo o Nordeste em substituição à antiga jangada de piúba.

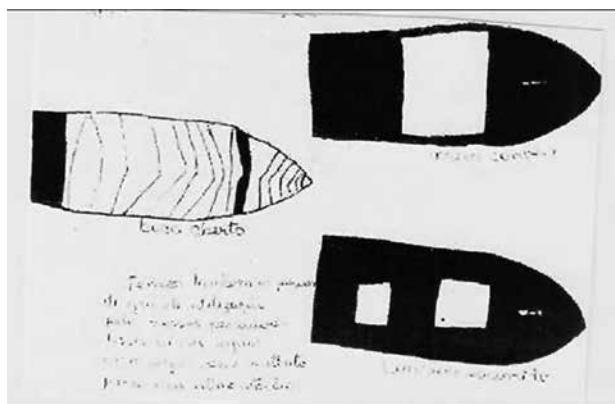
No Ceará, Araújo (1995) e Silvino (2007) esclarecem que as primeiras jangadas de tábuas tiveram origem por volta de 1944, na localidade de Iguape, município de Cascavel, invenção e construção do Pocidonio Soares, que fez a primeira jangada de tábua no Ceará.

João Venâncio diz que nesta época foi quando começou o processo de construção das canoas de boca aberta. Eles também fizeram canoas de meio convés, meio convés na popa e na proa. Com o decorrer do tempo, foram surgindo os botes, mas quando começaram a surgir os botes, todos cobertos por cima da boca de escotilha, começaram a fazer o convés nas canoas também, aí fechavam só meia boca, trazia da popa até o meio e ficava só a boca. Depois passaram a fechar, e começaram a fazer boca de escotilha, e até hoje este processo ocorre. Afirma que ainda tem canoas, mas é muito difícil ver canoas de boca aberta aqui na região de Itarema (Figura 4).

Com o grande sucesso da pesca da lagosta no estado do Ceará, surgiram os botes a motor, as lanchas (a motor) e daí por diante. Também passaram a existir vários modos de pescar. Estes modos de pescar passaram por muitas modificações e acompanharam a evolução das embarcações nesta

ordem: jangada de timbaúba, jangada de timbaúba misturada com piúba, jangada de piúba, jangada de tábuas, bote, lancha comando na proa, botes a motor e lancha a motor.

Figura 4 -
Representação
em desenho da
canoa boca aberta,
canoa meio convés
e canoa convés
corrido. (Ilustrações:
João Marques do
Nascimento).



O cacique diz que, no município de Itarema, atualmente, não existem mais a jangada de timbaúba nem a de piúba, só existindo jangada de tábuas, botes com comando na proa, botes a motor e as lanchas. Já em relação à jangada, Oliveira Júnior (2006) considera que, com a ascensão da pesca com linha de nylon no mar de fora, os índios Tremembé de Almo-fala substituíram paulatinamente as pequenas embarcações construídas por eles próprios por jangadas maiores, que eram adquiridas em outras localidades, inclusive Fortaleza.

Castro Silva (2004), afirma que hoje não mais existem jangadas de piúba no litoral do estado do Ceará, embora informação pessoal de Miguel Sávio de C. Braga, constate a existência pontual de alguns poucos paquetes construídos com a raiz da timbaúba (*Enterolobium contortisiliquum*) nas praias da Pedra Rachada e do Kaka, no município de Paracuru, últimos remanescentes para demonstrarem como a tradição pesqueira e a transição das modificações são prolongadas.

Desta forma, deu-se a evolução pesqueira do povo Tremembé que parece ser muito similar a toda a pesca artesanal do litoral de Itarema e municípios vizinhos.

Capítulo II

O PESCADOR TREMOMBÉ

“**A** vida no mar exige muito sacrifício do pescador, que passa grande parte do tempo de sua vida nas pescarias em alto mar”. Assim Zé Biinha define a atividade pesqueira, vivenciada por ele ao longo de 56 anos, e que ainda hoje pesca nas proximidades da costa, local chamado por ele de cascalho.

No Manual do Pescador (MITS, 2009) descreve-se como sendo as principais características de um bom pescador: ter vocação para o mar, que surge quando se é ainda criança; ter coragem para enfrentar os perigos do mar; conhecer os tipos de embarcações; saber manuseá-las; conhecer os tipos de ventos e saber utilizá-los na prática da navegação; ter vontade de pescar e conhecer os tipos de pescarias.

Na constante rotina de pescarias, o pescador se depara com os perigos do mar, num jogo de vida e morte descrito por Gerson Jr. como segue:

As viagens de pesca apresentam desafios nos quais o conhecimento e a perícia dos pescadores Tremembé são constantemente postos à prova. Seja no inverno, com calmarias, ou no verão, com as tormentas do vento leste, seja durante a noite, quando existe o risco de serem colhidos por um navio cargueiro, seja nos confrontos travados com um peixe feroz como o tubarão, enfim,

quando se deparam cotidianamente com os perigos do mar. Os pescadores desenvolvem uma convivência diária com o perigo. As embarcações de madeira são vulneráveis às oscilações dos fenômenos atmosféricos e à fúria do mar. No ritmo das vagas, insinua-se um jogo de vida e morte (GERSON JR., 2006, p. 78).

Gerson Jr. (2006), ainda ressalta que, sendo conhecedores da realidade, dos perigos do mar e de seus limites, não descartam de, nesta relação que envolve enorme leque de possibilidades, estar presente a sensação de não retornarem mais para terra.

A vontade de enfrentar o mar e a primeira ida acontece quando ainda são crianças, o que constituía a base para o pescador, como seguem o relato de João Venâncio:

Eu não tinha vocação pra estudar. Minha vocação era o mar. Quando eu era menino, ia para a praia com a mamãe, e via aqueles jangadeiros com aquelas sacas de peixe ou enfieira, e achava muito bonito. Minha vocação era ser um pescador, possuir minha jangada, que pudesse ir pro mar, que chegasse com uma saca de peixe ou enfieira, fazer aquela negociação que eu via os outros pescadores fazer, isso para mim era tudo na vida”. Sempre pesquei com o que era meu, com a minha autonomia. Comecei a pescar com oito anos de idade, já sustentava a casa. Quando chegava na costa, rolava o pacote, o mestre tirava o peixe dele, ele mesmo partia o peixe, tirava a metade pra ele e vendia a outra metade. Eu trazia pra casa aquele dinheiro que ele me dava. Chegava em casa e dava todinho pra mamãe (JOÃO VENÂNCIO - cacique Tremembé).

Eu tinha cinco anos quando comecei a pescar, ia mais o João Velho, ele me levava muito pros currais. Ele me levava pras caçoeiras, era só eu e ele, aí fui aprendendo as coisas, primeiro de curral, depois de caçoeira, depois de linha,

relata João Filho os seus primeiros passos no aprendizado no mar.

Zé Biinha diz:

É um sonho. Eu tinha tanta vontade de pescar que eu sonhava de noite. Quando nós viemos embora pra cá, eu sou da Varjota, eu botei minha vontade pra frente. Ao meu padrinho Chico Laurindo, eu disse que tinha vontade de pescar no mar, aí ele falou com os vaqueiros do finado Salustiano. A primeira vez que eu fui pro mar, era tão perto o curral, que a canoa não tinha nem pano. Não achei muito bom não, que a minha vontade era pescar de linha. Aí ele foi e arrumou, falou com o Antônio Bom pra me levar, aí eu fiquei pescando numa canoinha, que era chamada de “Touro”, que parecia um cocho de aparar massa. Aí eu pesquei um tempo com o Antônio. Depois eu arrumei um canto mais o João Pelonha, numa jangada de raiz de timbaúba. Aí eu fui pescar mais o Lico, depois comecei a pescar de manzuá com o compadre Nicanor. Eu acho que tinha uns onze a doze anos, quando comecei a pescar. E ainda não abandonei a pesca não, ainda pesco um pouco, aqui mais por perto, nos cascalhos.

João Filho faz parte dos pescadores Tremembé mais jovens, é mestre de embarcações a vela e a motor e faz comparação entre os pescadores antigos e os atuais dizendo que

antigamente, o pescador era mais valente, naquela época tinha mais fartura, você vinha aqui, pescava um peixe, o pescador não tinha preguiça. Hoje em dia, tem a questão deste tipo de globalização, a tecnologia tá mais avançada, o pescador hoje às vezes não quer mais sair de casa pra não perder um filme, uma novela. Os de antigamente, ia para o mar todo dia, não tinha preguiça, era o meio de vida deles, era o ramo deles, eles eram mais valentes, pelo gosto deles ia para o mar todo dia e enfrentavam o vento e a chuva. Hoje o pescador quer se esconder na cabine pra não tomar chuva.

A opinião de João Filho, no que se refere ao tempo de pescaria no mar e o conhecimento necessário para o melhor desenvolvimento da atividade, é que

tem muito pescador que só pesca de ir e vir, todo dia tá em casa, não quer passar muito tempo fora de casa. Tem pescador que não sabe o que é um vento, não sabe a direção do vento. Que se perder a terra de vista, se ariar (se deso-

rientar) no mar, ele perde o rumo, não sabe voltar mais. Reforça dizendo que o pescador de antigamente sabia a direção do vento, tinha mais ou menos a base, hoje em dia ele vai mais pelo que ele quer ganhar, não é mais pelo aprendizado. O pescador de antigamente em qualquer situação, ele sabia o que fazer, não se apavorava.

Nesta época o desconforto e as condições de trabalho eram penosas e bem mais sacrificadas, como segue o relato de Zé Biinha:

Quando eu comecei a pescar mais lá pra fora, mais o compadre Nicanor, mais o Lico, no começo nem uma saca (surrão de palha) pra gente dormir em cima não tinha, a gente dormia na tábua, mesmo. O travesseiro era em cima de uma saca de lenha, o fogão que a gente cozinhava era de lata de querosene, a gente levava a lenha e a busca de coco pra fazer o fogo. Esse era o nosso fogo. E também a gente usava o sal, pegava o peixe, salgava e trazia salgado porque não tinha gelo. Na hora da gente comer, fazia um pirão na cuia que era usada pra esgotar a canoa, ninguém tinha bacia, não. A colher era um pau de lenha, com ele a gente mexia o pirão, e aí cada qual metia a mão dentro, e se tirava o peixe da panela com a mão. A gente passava de três, quatro dias no mar e a roupa que a gente saía com ela, era a mesma que voltava.

Estas condições relatadas passaram por modificações que sugerem melhoras como afirma Zé Biinha: “Hoje, a gente vai pro mar e pra cada um pescador que vai na embarcação tem uma bacia e uma colher e levam uma bolsinha com sua roupa.”

A respeito das inovações tecnológicas, como o uso do GPS (sistema de posicionamento global), que facilitam a navegação e permitem localizar com grande precisão as áreas pesqueiras mais produtivas, inserido em muitas praias do Ceará, em todos os tipos de embarcações (BRAGA, 2010), e que já chegaram a Almofala, onde o sistema de localização tradicional no mar está se perdendo. Assim se refere João Filho: “hoje em dia, o pescador trabalha mais com GPS, não quer saber mais dos pontos de terra, os caminhos de saída e de chegada”.

Capítulo III

A PESCA NO MAR

Zé Biinha explica a diferença entre o porto de Torrões e de Almofala:

um porto que não tem barra, como o de Almofala, você sai na hora que quiser, já o porto que tem barra, como o de Torrões, você tem que sair de acordo com a maré, ela tem que estar cheia, senão não sai. Diz que em Almofala se sai às quatro horas da manhã, para dar tempo de pescar, quanto mais cedo sair, melhor, se quiser voltar no mesmo dia, dependendo da distância. Tem pescaria que fica mais perto, tem outras que ficam mais longe.

Os entrevistados afirmam que, no mar de Almofala, atualmente, a pesca acontece com uso do manzuá, da linha de mão, da caçoeira para peixe, de rede de emalhar, boieira e de fundo e pescaria de currais. As embarcações utilizadas são: jangada, paquete, canoa, bote a vela e bote a motor.

Em Almofala os principais tipos de pesca mais utilizados são a linha de mão, curral, manzuá e a rede de arrasto.

A pesca de rede caçoeira para lagosta é proibida pelo Ibama, porque destrói todo o cascalho onde a lagosta se alimenta e também porque pega a lagosta grande e a miúda conforme diz Trival e outros entrevistados, que também é do conhecimento dos pescadores de Almofala.

Antigamente, a armadilha para pescar lagosta era o jereré, que era feito com fio de seda; este tipo de pescaria era feita com jangada.

Estevão Henrique diz que depois dos manzuás, inventaram a rede de arrasto, feita de fio de seda, que hoje é feita de nylon. Este tipo de rede é proibida pela Ibama, porque ela destrói o cascalho e pega a lagosta grande e a miúda.

A rede de arrasto a que se refere Estevão Henrique, trata-se da rede caçoeira para lagosta, arte de pesca que fica disposta no fundo marinho e emalha a lagosta quando tenta transpô-la ou é atraída pela isca. É um apetrecho de pesca proibido, tanto as confeccionadas de nylon mole ou seda multifilamento (azul) como as de nylon duro, monofilamento, o mesmo usado nas linhas de pesca.

Ainda, segundo Estevão Henrique, quando só se pescava de jereré e manzuá não tinha esta perseguição do Ibama em alto mar, porque os pescadores Tremembé só pescavam o suficiente para se manter, e hoje tem muita ambição dos empresários de barco. Atualmente, no Ceará, a maioria dos pescadores pesca lagostas em embarcação a motor, por isso que está a briga do Ibama com os pescadores, porque pegam a lagosta miúda e o samango.

3.1 EMBARCAÇÕES

Em referência às primeiras embarcações da localidade, Zé Biinha diz que, de seu conhecimento, era canoa, jangada de raiz de timbaúba, e bote, e prossegue:

para nós aqui era difícil navegação a motor. No nosso porto começou a aparecer a do pessoal de fora. Depois foi que a negada começou a fazer jangada de tábua com isopor, porque a jangada de timbaúba se destiorava mais cedo, apodrecia. Mas agora, tem de tudo, tem o barco, tem a lancha, tem o bote a motor, tem o bote a pano, a jangada e canoa. Antes de eu começar a pescar, apareceu uma jangada de piúba, essas daí também eram de fora, vieram pescar lagosta de jereré, mas foi pouco tempo, aí ficou só o nosso, que a gente usa aqui.

João Venâncio relata como evoluíram no tempo as velas das embarcações: os panos das embarcações de antigamente eram feitos de saco de açúcar, que eles compravam na bodega, as cordas eram feitas de manilha, pois não tinha nada de nylon, e quando não tinha cabo de manilha, compravam fios e faziam as cordas nos carretéis. O processo de união do pano às cordas era chamado de palomba.

Diz ainda que, com o passar do tempo, apareceu o murim, que era um pano comprado na bodega, depois passou para o algodãozinho, daí passou pra lona, da lona passou pro tergal, adaptaram-se ao tergal, por ser mais fino e secar mais ligeiro. Ele dura mais. A lona é mais grossa, custa mais a enxugar e acaba mais ligeiro. Havia três espécies de murim: o do bom, o do meio, e o mais ruim. Naquela época não existia tinta, as embarcações eram pintadas com piche. Depois surgiram as tintas a óleo, tinta envenenada, e agora estão utilizando resina para depois passar a tinta por cima.

João Venâncio explica como eram confeccionados e utilizados os tradicionais sistemas de ancoragem, como segue:

a fateixa era feita com dois paus, feito em cruz, furava um buraco nas pontas, metia um pau em cada furo e colocava uma pedra dentro e fechava. A fateixa, para poder segurar o barco, ela precisa de quatro ganchos; onde você arriar ela segurar. O tuaçu, que era uma pedra, colocava o cabresto nele para pescar de arrastão, vai arrastando aos poucos, de acordo com a posição, ele vai arrastando ligeiro, de galope, de pé de galo, de carreirão, você é quem controla (Figura 5).



Figura 5 - Na foto da esquerda vê-se a fateixa e na foto da direita o tuaçu. (Fotos: Miguel S. C. Braga).

3.2 CONSTRUÇÃO DAS JANGADAS

As jangadas tradicionais são descritas no aspecto construtivo por Zé Biinha como

primeiro arrancava a raiz e descascava ela e botava pra secar, só fazia a jangada depois que ela estava bem maneira. Depois que a raiz secava era que eles iam fazer. A jangada de raiz de timbaúba era feita com os espeques de pau, atravessando as raízes de uma pra outra, em vez de ser de prego. Botava uma encostada na outra, aí metia aqueles espeques de pau, aqueles espetos, aí metia de uma pra outra, atravessava ela, trespassava de uma pra outra e ia enchendo até fazer a jangada” (Figura 6).



Figura 6 - Pacote de timbaúba do litoral do município de Paracuru- CE.
Foto: Miguel S. C. Braga.

Zé Biinha diz que o material para a construção destas embarcações, por ser escasso na região, passou a ser adquirido das formas como descreve:

por aqui tinha timbaúba, mas era pouco. Teve gente que trouxe timbaúba de lá das bandas da Mãe Cosma. Toda jangada era de timbaúba, então quem tinha um pé dela, a negada comprava a raiz. E aí o Jorge Impolte achou que dava uma renda e plantou um bocado de pé de timbaubeira. E tinha mais gente que plantava, porque viram que dava renda. Mas a renda que dava foi pouco tempo, que a negada inventou de fazer jangada de tábua e quem tinha seus pés de timbaubeira ficou sem serventia. A timbaubeira é um pé de pau que toma muito espaço na terra, aí eles tão arrancando, porque a raiz é muito grossa, e se espalha muito.

Era da raiz da timbaubeira que se confeccionava os paquetes.



Figura 7 – Árvore da Timbaúba (*Enterolobium contortisiliquum*) 1) Árvore; 2) Tronco; 3) Raiz; 4) Folhas e Sementes. Foto: Miguel S. C. Braga.

A jangada de tábuas era feita de tábuas e isopor. Primeiro fazia as laterais, depois faziam as cavernas dentro, cobriam por cima com tábuas e emborcavam, jogavam o isopor dentro, depois cobriam com madeira por baixo, foi como João Filho descreveu a sua construção (Figura 8).



Figura 8 - Paquete forrado de isopor da praia de Almofala-CE.

3.3 CONSTRUÇÃO DA CANOA

Segundo os entrevistados afirmaram, antigamente a canoa aberta era mais usada por ser utilizada na pescaria de currais. O outro tipo é a canoa meio convés ou meia laranja, que são duas partes fechadas e aberta no meio conforme já visualizado na Figura 4.

João Filho diz que ainda tem as canoas, mas é muito difícil ver canoas de boca aberta. “A tradicional de antes acabou, hoje não existe mais”. Esta afirmação se refere à localidade Tremembé, pois no próprio litoral oeste, é grande a quantidade de canoas que predominam e que se caracterizam

principalmente por serem abertas, segundo Ibama (2005) e Castro e Silva (2004), sendo, inclusive, o tipo de embarcação com maior participação em número no litoral oeste.

3.4 CONSTRUÇÃO DO BOTE

De acordo com o relato de João Filho:

o bote era a pano, era todo aberto. Chegou uma época que eles fecharam, tinha a caixa, eles criaram um jeito de armazenar os peixes, fizeram um tipo de caixa para armazenar os peixes e guardar o material que levavam, pensando em quantos dias iam passar no mar. Este é o chamado bote meia laranja. Com o passar do tempo, vieram as embarcações a motor, do mesmo jeito do bote, só que eles iam mudando, fazendo uma casinha pra colocar o motor, assim não precisava de pano. Na atualidade existe mais embarcação a motor do que embarcação a pano (Figura 10).

A caixa a que João Filho se refere, trata-se da caixa isotérmica que tem a finalidade de fazer a conservação do pescado no gelo.



Figura 9 - Bote a pano na praia de Almofala-CE.



Figura 10 – Bote a motor na praia de Almofala-CE.



Figura 11 – Lancha a motor no porto de Torrões, Almofala-CE.

3.5 TIPOS DE PESCARIA

3.5.1 A PESCA DA LAGOSTA COM REDE

Segundo João Filho, a pesca da lagosta de antigamente era feita no bote a pano, não existia bote a motor. Eles usavam mais ou menos dez mangas de rede, que mediam cem metros cada uma. Eram emendadas umas às outras, ficando só um “tirão” (estirão) no fundo do mar. Eles arriavam o material a tarde e na manhã do outro dia iam só puxando o material. No início, levavam de dez a quinze fileiras, mas depois da chegada dos botes a motor, começaram com vinte, trinta fileiras em cada embarcação.

Hoje este tipo de pescaria não é mais permitido pela legislação pesqueira vigente e é fiscalizado pelo Ibama, só se podendo pescar lagosta com manzuá (MMA-Ibama, 2005).

4.5.2 A PESCA DA LAGOSTA COM MANZUÁ

João Venâncio diz que

a pesca da lagosta começou com o jereré, passou para o manzuá, do manzuá passou pra rede e da rede voltou para o manzuá novamente. Diz que o manzuá era feito de vara, amarrado com cipó, depois mudaram para o arame. O manzuá de antigamente, o formato dele era igual ao de hoje, só que o de madeira não fazia muito ângulo, e o de hoje, como é de arame, faz muito ângulo, muito canto. O manzuá de madeira, os cantos dele ficam um pouco arredondados. Para fazer um manzuá, precisa de vários paus, sendo utilizada madeira de marmeleiro. (Figura 12).

João Venâncio explica que a quantidade de manzuás depende do tamanho da embarcação. “Um pegam cento e cinquenta de uma vez, e há outras que pegam trezentos manzuás. As embarcações maiores pegam dois mil e quinhentos manzuás.”

A pesca da lagosta com manzuá é descrita da seguinte maneira por João Filho:

antigamente, mediam vinte braças de um manzuá para outro. Hoje se mede dez braças de um manzuá para outro, numa fileira com dez manzuás. Na frente, fica uma garateia, e atrás fica outra, cada uma com uma puxadeira e arinques. De manhã eles vão puxar, pois pode ser despescado com 24 horas. Se estiver dando muita lagosta, eles arriam no mesmo canto, quando não está dando nada, eles se mudam. Eles dormem perto do material. É um serviço perigoso para arriar, porque é o barco correndo a cinco ou seis milhas.

Em seu depoimento, Trival acrescenta que para fixar o manzuá no fundo do mar, no interior de cada manzuá se coloca uma pedra com peso de mais ou menos 2 quilos. Diz que a tripulação das embarcações a motor é composta por 8 pessoas, sendo o mestre, o motorista, o iscador, o cangalheiro, o contra mestre, o geleiro, um cozinheiro e o tirador da lagosta.

Em resumo, definem o manzuá como tendo o formato quadrado sendo feito de madeira de marmeleiro. Por fora é revestido de arame número 18. A boca é feita com malhas de fio de seda. É construído amarrando-se os pedaços de madeira nas pontas, depois tecendo a esteira. O tamanho da malha é mais ou menos na base de quatro dedos da mão para pegar as lagostas grandes e tem uma boca triangular, para entrada da lagosta ou peixes.

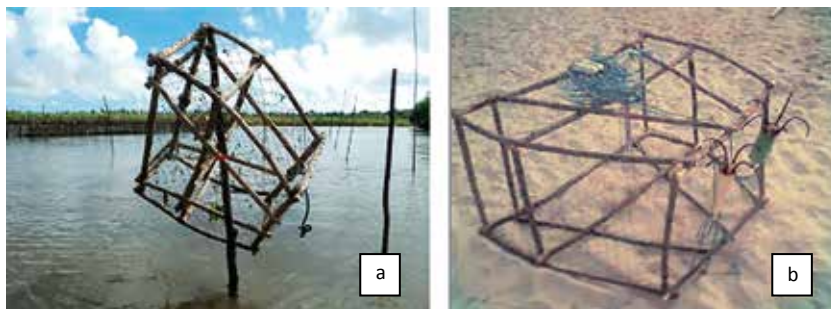


Figura 12 - Manzuá para a pesca da lagosta.
Foto (b): Tibico Brasil – R. Salles, 2011.

4.5.3 A PESCA DE LINHA DE MÃO

João Venâncio diz que, quando começou a pescar, era com linha de mão, feita de fio de algodão, que era torcido no carretel, e para ficar forte passava a linha na folha do cajueiro brabo ou do mangue. Atualmente, só são usadas as linhas de nylon, facilmente encontradas nos comércios em variadas espessuras.

Com a linha de mão se pesca todos os tipos de peixe, dependendo dos tipos de linha e anzol, porque, para cada tipo de peixe, existe o tamanho do anzol e o tipo de linha. “Pegar peixe não é pra todo mundo”, diz João Filho.

Zé Biinha diz que de linha se pega o cangulo, a biquara, a guaiúba, a cavala, o serra, o bonito, a garajuba, o parum, a guaraximbrora. Os peixes menores, pega com anzol 9,10 e 11. A cavala que é maior, se pega com o anzol 3, 4 e 5. Com anzol 7 e 8 pega o pargo, quando tinha. A sardinha a gente pega no anzol 12 e 13. Pega sardinha também sem isca, só que o anzol bem miudinho na rocega, que é o mesmo espinhel e complementa: “com o anzol bem novinho, ele relampeia na água e atraindo e pega a sardinha quando fica balançando”.

O peso da chumbada da linha de pesca, João Filho fala que, dependendo da maré, bota um peso de 250 gramas, se ela estiver correndo. Se não estiver correndo, bota um peso de 20 gramas.

Zé Biinha relata que, na época que se podia pescar tartaruga, se fazia da seguinte forma: “a aruanã, a gente pegava ela de linha também, pegava de caçoeira e de linha, eu já peguei; usava anzol 0 ou 1. Quando tinha muita aruanã, a negrada mandava fazer anzol no ferreiro. Botava a chumbada e acima dela o anzol. A aruanã ia escorregando na linha até se fincar no anzol, por debaixo da aba dela. A gente sentia quando ela estava escorregando na linha.” A pesca da tartaruga marinha é proibida por lei federal e a região de Almo-fala, por ser área de alimentação, conta com uma unidade do projeto TAMAR desde 1992, que promove à conscientização e monitoramento.

Estevão Henrique, referindo-se à captura de tubarões com linha de mão, diz que existe um momento para pegar tintureira, também conhecida como travessa, que se pega com anzol nº. 4.

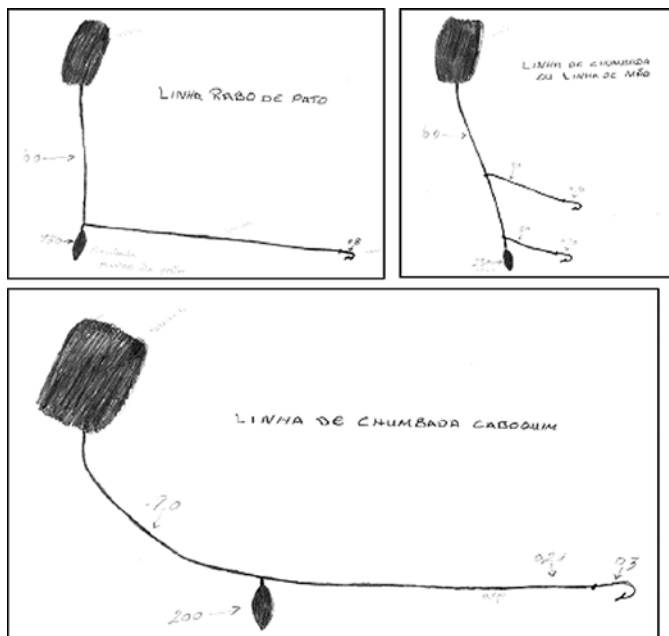


Figura 13 - Desenhos dos tipos de linhas de pesca utilizadas nas pescarias de linhas de mão em Almofala-CE. Ilustrações: João M. do Nascimento.

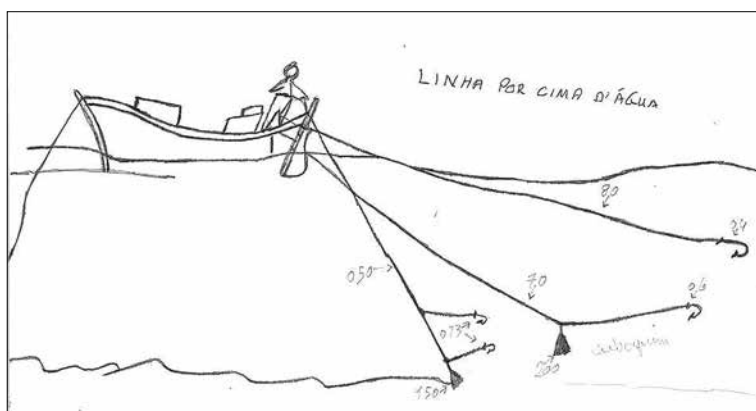


Figura 14 - Desenho da utilização dos diversos tipos de linhas de pesca no mar. Ilustração: João M. do Nascimento.

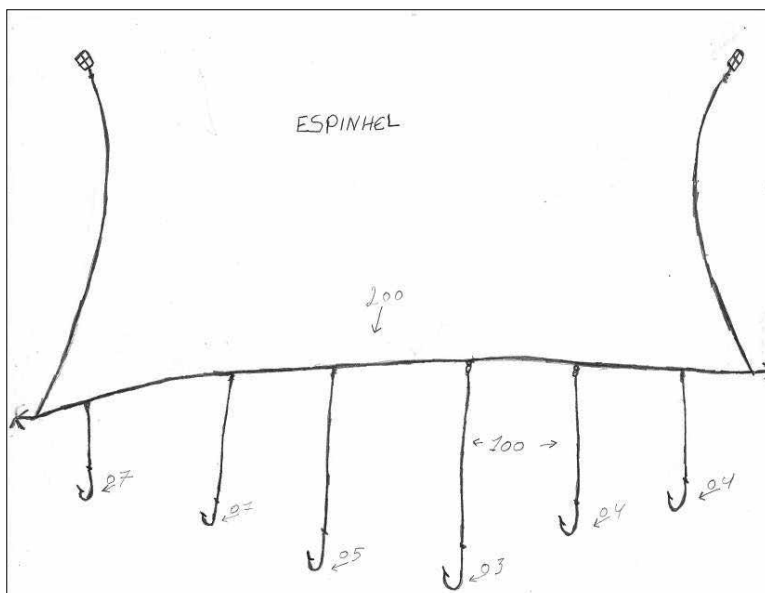


Figura 15 - Espinhel de fundo para a pesca de peixes.
Ilustração: João M. do Nascimento.

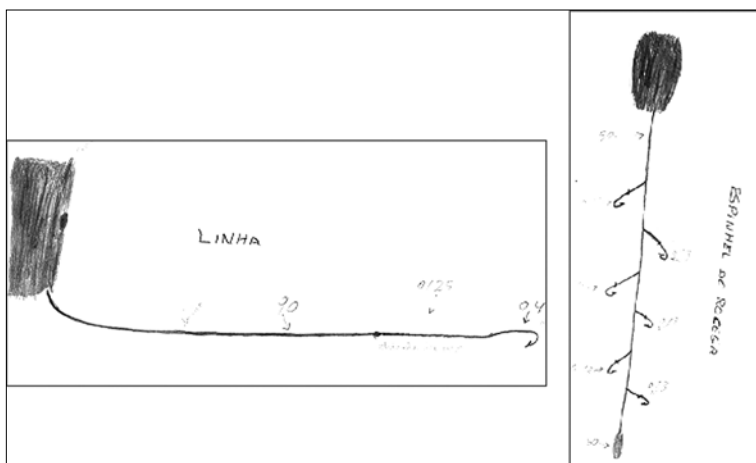


Figura 16 - Tipos de linhas utilizadas na pesca de mão: a da esquerda pesca de superfície e a da direita, a rocega, para pesca da sardinha.
Ilustrações: João M. do Nascimento.

4.5.4 A PESCA COM REDE DE EMALHAR

A pesca de rede é muito utilizada na captura de peixes (Figura 17) e, conforme Zé Biinha, são classificadas de rede boieira e de fundo conforme segue:

“A pesca de rede, ela tem as duas posições, tem a rede boieira, que é o arrastão e tem a rede caçoeira, que a gente bota, a garateia segura a rede e segura a boia, a rede vai ficar embaixo.”

Zé Biinha ainda explica como a rede funciona e se fixa no fundo marinho e os aspectos de feitiço ideais para a pesca: “da garateia sai uma corda para a rede e outra para boia, a garateia segura a rede e segura a boia, porque a rede vai ficar embaixo, você não vê ela, você vai puxar ela pela boia.” Pelas explicações acima, para a despesca, primeiro se pega a boia, depois pelo cabo da boia se puxa a garateia onde está fixa a corda da rede.



Figura 17 - Redes de emalhar ou malhadeira (à esquerda) e espessura do nylon e tamanho de malha (à direita). Fotos: Miguel S. C. Braga.

João Filho acrescenta que, para a confecção da rede, alguns compravam material de fábrica, outras pessoas tecem mesmo na mão, comprando só o nylon. Explica o feitiço da malha:

primeiro se enche as agulhas com o nylon, iniciando a construção da rede pelas cabeceiras; depois de feita a rede nas dimensões desejadas, se coloca o bordão, chamado o nylon grosso, que é a corda de baixo e a corda de

cima, que serve para o entralhe; e depois de feito o entralhe, se coloca o chumbo no entralhe de baixo, tudo dentro da medida. E a última corda que entralha é a de cima onde ficam as boias da rede.

Zé Biinha complementa quando fala que

a rede a gente faz ela do tamanho que a gente quer, né? Se ela ficar muito pesada, ela fica ruim de peixe, o mar não vai ficar mexendo, tem que ficar a maré tangendo ela. Ela tem na base de uns dois a três quilos de chumbada, com uma distância na base de meio metro de um chumbo para o outro.

Toda técnica tem base no conhecimento empírico e na prática da pesca.

4.5.5 A PESCA DE CURRAL

Os relatos apontam que a pesca com currais em Almo-fala era importante, tendo uns vinte currais (Figura 18).



Figura 18 - Curral de pesca em Almofala-CE.
Foto: Marcos Guilherme.

Atualmente, só existem seis currais em atividade na região de Itarema e se localizam em Almofala. Tem quatro currais na praia da Tijuca, de propriedade do José Beija, e dois na praia de Almofala, pertencente ao Anchieta.

Estevão Henrique detalha que, para a construção do curral,

primeiro tira uma quantidade de mourão, enfina um mourão mestre e corre a linha, finca dois mourões de encostamento para fazer o bico do chiqueiro. Faz um de barravento e um de saltavento (sotavento), puxa pra salinha, faz meia marca da salinha com o chiqueiro, puxa outra meia marca para o outro bico da salinha, corre a linha para o mourão mestre e para a salinha. A salinha se faz de barravento e de saltavento (sotavento). Depois que ele está muruado, tece-se o arame. Depois do arame tecido, especa, colocando seis paus em cada espia, depois cinta o chiqueiro, salinha e os bicos, e por último coloca-se o arame.

Estevão Henrique explica como acontece a captura do peixe, que se inicia quando ele entra no curral:

o peixe corre na espia do curral, entra na sala grande, vai para a salinha e vai para o chiqueiro. Depois que o peixe está dentro do chiqueiro, coloca-se a rede, laça os peixes, depois puxa pra cima da canoa.

A despesca do curral é feita diariamente, durante a maré baixa diurna, quando os vaqueiros saem de terra para o curral. Sobre a rede e a forma de despesca assim se refere Estevão Henrique: “antigamente a rede para despesca de curral era feita de tucum, hoje é de fio de seda” e o Zé Biinha diz: “para despesca se precisa de dois homens de cada vez para passar o lanço. Quando eles acabam de passar o lanço, tem umas cordas que puxam a rede”.

João Filho diz:

quando o curral está pronto, tem que ter quatro vaqueiros, dois ajudantes, um canoeiro e o lambe tábua, este último só pra ajudar. O curral tem que tá limpo.

Chega lá, a gente bota a rede dentro do curral, fica um na boca com a rede em cima na ponta do cambão em cima, e o outro vai mergulhando com a outra ponta na mão. Lá onde ele deixar, desce outro no mergulho e pega o cambão, quando sobe desce outro, quando aquele perde o fôlego, aí desce outro até quando chegar ao bico. Aí desce um pra fazer o bico. Tem uma corda que ele puxa em baixo, pra encostar a rede, unir a rede, fazer o monte da rede, e em cima do mesmo jeito, quando chega é só fazer em cima e em baixo, aí é só puxar a corda. Aquele que esta lá embaixo tem que trazer a corda pra quem está lá em cima puxar.

João Venâncio diz que o curral de antigamente era muito diferente, pois

os primeiros currais eram feitos com varas e cipó e o chiqueiro era feito só com varas linheiras. Nos currais antigos os amarrados eram feitos com cordas de tucum. Quando o cipó apodrecia com o passar do tempo, dava um trabalho para limpar e montar outro. Os currais de hoje não tem mais nada de tradicional, porque com o correr do tempo, as varas foram trocadas pela malha de arame e todos os chiqueiros passaram a ser de arame. O arame durava quatro meses e hoje ele dura oito meses. Os currais não quebram por completo. A distância de um curral para o outro é de cento e cinquenta braças.

Um detalhe a ser lembrado é que a construção e toda a manutenção em currais de pesca tem que ser feitos durante o período de maré baixa e que tem manutenção constante, no que João Venâncio chama de “processo prolongado”.

Hoje o peixe é ensacado na despesca do curral, vai para a pesqueira e de lá vai pra os carros para ser comercializado. Antigamente, os peixes eram colocados na praia e lá chegavam os compradores, que levavam para tratar e salgar, pois não tinha gelo. Depois de tratado, eles vendiam.

João Venâncio diz que no curral se captura sardinha, bonito, serra e outros peixes. A safra da sardinha é de maio a julho, às vezes dá uma marezada de bonito e de serra. O peixe que está mais difícil é o camurupim.

4.5.6 A PESCA DE MARAMBAIAS

“A pesca na marambaia é um processo mais maneiro. Hoje se pesca muito mais nas marambaias. Se você tiver uma marambaia, fica mais fácil de pescar, porque você tem um canto certo”, diz João Venâncio.

Conceição et al. (1997), descreve que, no Ceará, as marambaias tradicionais tiveram sua origem e maior ocorrência em Almofala, município de Itarema, sendo confeccionadas originalmente por centenas de feixes de madeira de mangue, que trazem a forma piramidal (Figura 19).

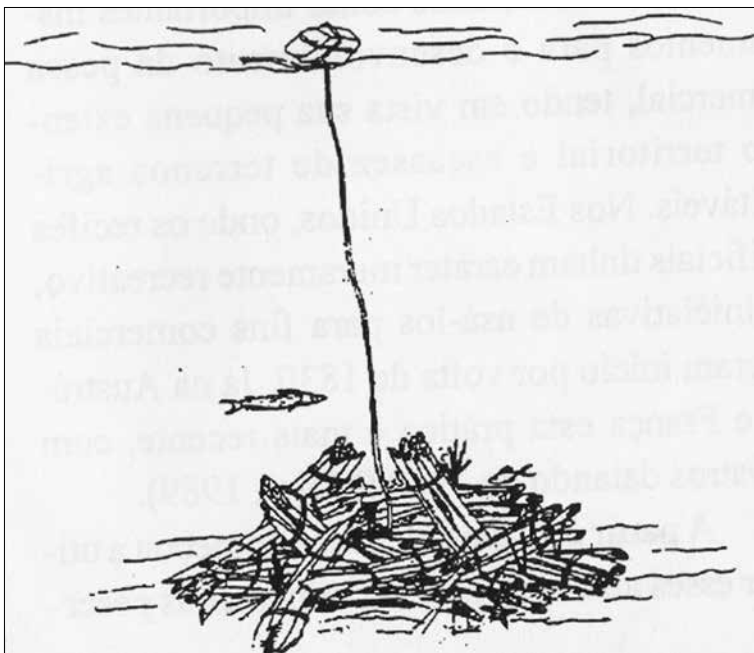


Figura 19 - Desenho esquemático de uma Marambaia feita com madeira de mangues. (CONCEIÇÃO et al. 1997).

João Venâncio diz que, no tempo dele, se usava madeira do mangue para a construção da marambaia, pois não havia a proibição e que ela era construída da seguinte maneira:

se corta alguns paus e leva para fazer a marambaia. Quando chegava no local de colocar a marambaia, fundeava-se a embarcação, arriava os pedaços de pau, que se levava de cinquenta ou mais rolos de pau; arriava de dez a quinze paus por vez. Depois mergulhava, juntava a madeira, fazendo montes. Quando terminava, subia e arriava outros quinze paus, e assim por diante.

Zé Biinha conta que se amarrava os feixes, metia a corda num arrinco, fazia uma fateixa grande, ia se enfiando os molhos de madeira; no outro dia, botava mais e quando era com uma semana já podia ir lá pescar, que já tava cheia de peixe.

O funcionamento da marambaia no mar é explicado por João Venâncio da seguinte forma:

a marambaia no mar é como se fosse a nossa casa no seco. Um peixe no mar quando vê uma sombra, ele engoda e ali vai aparecendo outros peixes e vão fazendo mais engodo. Os peixes miúdos fazem engodo para os peixes maiores.

Desta forma, segundo Estevão Henrique, “quando a madeira cria arstim, o peixe vem comer, porque a madeira solta um limo e o peixe fica encostado para comer.”

Segundo os entrevistados, os peixes que dão mais nas marambais são: parum, garajuba, guaraximbrora, arraia, serra, cavala, ariacó, bonito, sardinha e outros, espécies que coincidem com os capturados nas marambais da praia da Baleia, em Itapipoca, na pesquisa realizada por Conceição et al. (1997) e Conceição (2003) .

João Venâncio complementa dizendo que tem a época da pescaria da cavala, que é de abril a maio. De agosto para frente, é a época da pesca de manzuá de peixe que são lançados próximos às marambais.

As marambais eram localizadas por marcações visuais tradicionais de caminho e assento, assim descritas pelo Zé Biinha:

a gente ia com a marcação por o seco, fazia o caminho daquela pescaria pelos coqueiros, os morro, às vezes com uma casa, uma moita e fazia a chegada também, pela terra. Hoje não tem mais essa de alguém marcar o

caminho de uma pescaria, é no GPS, no navegador, e reforça que toda embarcação agora tem um navegador.

João Filho diz que depois inventaram a marambaia com pneus, que era para pegar lagosta e que depois inventaram a marambaia de tambores de ferro, também para pegar lagosta (Figura 20a). E descreve: “amassam os tambores, depois amarram de dois tambores, deixando um local pra lagosta entrar e das tampas, eles fazem uma arapuca pra pegar lagosta.”

Segundo Conceição et al. (1997), as marambaias de pneus foram desenvolvidas com criteriosa base científica para beneficiar a pesca artesanal com linha de mão (Figura 21). Posteriormente, foram desvirtuadas para a prática predatória da captura da lagosta, criando-se as marambaias de tambores.

Salienta-se que esta modalidade de pesca é proibida por dois motivos: primeiro por ser proibida a marambaia de tambores; segundo por ser proibida também a pesca de mergulho (Figura 20b). Como consequência ecológica existe a química que era transportada nos tambores cujos resíduos vão para o mar podendo causar contaminação.



Foto(a) RobertoKobayashi, foto (b) Fonte: <http://www.brasilmergulho.com.br/port/artigos/2006/images/004.jpg>

Figura 20 – Tambores de ferro utilizados na confecção de marambaias “a” e mergulhador utilizando-se de compressor para a captura ilegal da lagosta. “b”

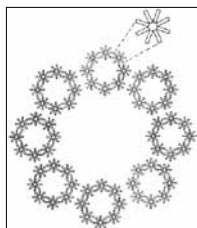


Figura 21 - Vista superior dos módulos de pneus empregados para a formação dos recifes artificiais para a pesca com linha de mão (CONCEIÇÃO, 2003).

Capítulo IV

A PESCA NO RIO ARACATIMIRIM

É importante destacar a importância do rio Aracatimirim que, principalmente para os Tremembé do lado da Mata, região situada na sua margem direita, é considerado “o pai e a mãe” desta população.

Duas localidades, Varjota e Tapera, situam-se na região da Mata. Para a população da Varjota, o rio Aracatimirim é conhecido como lagamar, porque, segundo os mais velhos, não tinha mangue e o local sempre foi alagado pelas águas do rio, que transborda pelas margens e forma um alagadiço, que tem muitos peixes e crustáceos.

Nesse lagamar tinha também um lugar conhecido como Ilha do Sal, de onde os mais antigos recolhiam o sal, quando os poços do alagadiço secavam. O lagamar tem também muitas histórias de encantos e de assombração, que os pescadores contam acontecer.

O pajé Luís Caboclo diz que é assim chamado porque, quando a maré enche, alaga todas as croas e o mangue, e quando seca, fica água só nos canais. Antigamente, a maré secava e nas croas e no mangue ficava alagado.

Sabe-se que estas áreas estuarinas sofrem modificações, conforme as cheias dos rios. No local do lagamar hoje, já foi uma grande mata, mas houve uma grande cheia, que abriu o lagamar, como contam os mais velhos.

Já para a população da Tapera, ele é conhecido e chamado somente por rio, porque tem os canais, que são divididos pelo mangue, por onde o rio corre, e não tem o alagadiço. É também um lugar muito rico de peixes e crustáceos, de onde muitas pessoas tiram seu sustento.

Na margem esquerda do rio tem as localidades de Saquinho, Lameirão e Curral do Peixe, que fazem parte da Região da Praia, onde também é conhecido como rio, e, através da pesca, contribui para o sustento destas comunidades.

Esta atividade no Aracatimirim pode ser considerada uma fonte de renda para as famílias Tremembé, porque muitas destas famílias só vivem da pesca, e estão conseguindo manter seus filhos com o que eles precisam.

Raimundo Cabral diz que começou a pescar no lagamar com uns oito anos de idade. Diz também que os Tremembé confiam primeiramente em Deus, e no lagamar, que foi reconhecido como pai dos Tremembé.

Os tipos de pesca que ocorrem atualmente no rio Aracatimirim são de tarrafa, de curral, de linha, landuá, de rede, e também braçal na pesca do caranguejo e outros crustáceos como sororô, sié, ostra, mão no olho.

Segundo relato dos entrevistados se pescava também de choque e de mão. A pescaria de choque, segundo os mais velhos, era feita porque, no lagamar, tinha um capim onde os peixes se escondiam e não dava para pegar de tarrafa.

No rio e no lagamar, os pescadores para pescar não necessitam utilizar nenhum tipo de embarcação, pois os locais são rasos, permitindo que eles pesquem caminhando dentro da água.

Deusdete Cabral fala que a lua tem uma grande influência nas marés e nas pescarias. Diz que no rio, a maré de quarto é que é bom para pegar peixes.

O pajé Luis Caboclo ensina que a hora da maré seca tem uma influência e a maré cheia tem outra. A pescaria quando a maré está cheia é nos alagados. Na maré seca, se pesca no porão, que é o meio do rio. No sair da lua, a maré está cheia na praia, e no rio ela está começando a encher. Os peixes mais

capturados eram: tainha, curimam, ubarana, sargo, salema, carapeba, zamboque, carapicu, bagre e pacamon entre outros.

Desta forma se constata que as fases da lua têm influência direta sobre as marés, e que o povo Tremembé as conhece, sabendo identificar pela lua os horários de sua pescaria.

4.1 OS TIPOS DE PESCARIA

4.1.1 A PESCA COM MALHADEIRA (OU GALÃO) NO RIO

Segundo o Deusdete Cabral, para pescar com a malhadeira se coloca um pau de um lado e do outro e estica a malhadeira no nylon 25 ou 30. O nylon que é feito a malhadeira hoje é o 25. Antigamente, era com o nylon nº. 80, 70, 60 e deixava a rede de dormida. Hoje isto não acontece mais com tanta frequência. Este tipo de rede foi proibido, porque é uma pesca predatória.



Figura 22 - Malhadeira utilizada para pesca no rio Aracatimirim.

O pajé Luis Caboclo fala sobre a pesca de malhadeira dizendo:

na pesca se estica a malhadeira do lado para o outro e todo peixe que passa emalha. É colocada na enchente da maré e despescada na vazante. Ela tem uma malha proibida pelo Ibama. A pesca com a malhadeira é uma pesca predatória. Houve um tempo que o povo queria pescar com esse tipo de armadilha, mas nos reunimos e ficou por menos. O tamanho da malha é a carapuça (medida) de um dedo. Hoje já estão utilizando nylon nº. 60 para pegar camurim.

4.1.2 A PESCA COM TARRAFA

Segundo relata Deusdete Cabral, a pescaria era feita de tarrafa, e a pesca acontecia no período da maré seca. A melhor maré para pegar peixe no lagamar é na maré de quarto minguante. A pesca de curimã e tainha durava cinco dias, vinha até gente de Itarema e pescavam durante o dia e a noite. Para pescar mais, deixavam as curimãs estendidas na margem do rio e as recolhiam quanto voltavam.

Diz que os principais peixes são curimã e tainha. Acrescenta ainda:

hoje só tem peixe miúdo, como saúna, carapeba, miguelão, moré e camarão. O que acabou com o lagamar foi a cheia de 1972, que levou tudo. Com a tarrafa, depois do lance, a gente vai enterrando o chumbo e pegava os peixes amassando com a mão porque tinha muito capim,

descrevendo assim uma técnica de captura com a tarrafa em locais em que não podia ser puxada normalmente.

Segundo João Gomes, a tarrafa de antigamente era feita de fio de algodão, tecido na mão com uma agulha e uma tabuleta. A malha normal para as pescarias era a cabeça de dois dedos, e levava seis dias para fazer uma tarrafa. A corda da chumbada era torcida na mão, e a corda para colocar no punho da tarrafa era torcida no carretel. Podiam comprar os tipos 1, 2, 4 e 8 também de algodão.

Os entrevistados relataram que havia vários tipos de algodão. O algodão inteiro que era para fazer tarrafa, jangarela e landuá. Apareceu uma linha zero que era para fazer a tarrafa, por isso abandonaram as tarrafas de fio de algodão. Depois apareceu o nylon, e hoje só existe tarrafa de nylon.

Luis Caboco descreve como é feita a tarrafa. Diz primeiro ser um segredo muito grande;

se estiver um nó errado no botar da corda, ela fica errada. A média normal de uma tarrafa é doze palmos de crescido, três palmos de saco e um de pano morto. Antigamente, as tarrafas eram de nove palmos de crescido, três palmos de saco, e um de pano morto, ela começa com 48 malhas, 12 carreiras, 8 cabeças de crescido, assim ela fica com nove braços de roda.

A tarrafa para pegar camurim no lagamar era feita com malha de quatro dedos. As lideranças afirmam que antigamente não tinha ganância, só se pescava para alimentação.

Para se lançar a tarrafa, coloca-se um ponto da corda da chumbada na boca prendendo-a com os dentes, e as duas partes da roda da chumbada são arrumadas em partes iguais nas mãos do pescador, que, preparado, lanceia em movimento sincronizado meio circular do corpo e braços simultaneamente, de forma que ela quando perfeitamente lançada cai formando com a sua corda da chumbada um círculo perfeito, que afunda rapidamente, cobrindo os peixes e que é resgatada pela linha de mão pela extremidade oposta a que está no fundo (Figura 23).



Figura 23 - Liderança demonstrando como se efetua o lançamento da tarrafa.

Antigamente, na pesca com tarrafa durante o dia, os peixes maiores eram colocados numa enfieira, e durante a noite eram colocados dentro do uru. O uru é um utensílio feito do olho da palha da carnaubeira, que tem a finalidade de guardar os peixes e o camarão, e que é transportado preso à cintura ou passando a alça pelo ombro do pescador (Figura 24).

Para a pesca com tarrafa, duas técnicas podem ser empregadas: uma é perseguindo o cardume, indo atrás, visualizando os peixes e lanceando. Outra é ficar parado numa posição privilegiada, só lanceando.



Figura 24 - Uru de palha de carnaúba utilizado para armazenamento dos peixes na pesca de mar e de rio. (Foto: Miguel S. C. Braga).

4.1.3 A PESCA DE CURRAL NO RIO

Segundo Manoel Raimundo Cabral, a maré é importante na pesca de curral, porque é ela que traz o peixe. Quando chega a força da maré, dá muito peixe. Relata que antigamente

a pesca era feita durante o dia e a noite. Durante a noite, o pessoal da Varjota ia esperar os outros grupos de pessoas para iniciar a pescaria. “No meu tempo a pescaria era uma animação, parecia uma seresta. Vinha gente pescar de Itarema e do Touro. De janeiro a fevereiro, era um bom tempo para fazer uma boa pescaria, pegando curuca, ubarana, curimaí. Era um momento de grande fartura.”

Estevão Henrique acrescenta que os currais são despescados no período da maré de vazante, quando está secando de uma maré para outra, ou seja, na parada da maré baixa para o início da maré de enchente que o tempo é de 40 minutos. O curral é feito de vara e tecido com cipó (Figura 25).



Figura 25 - Vista do curral de pesca no rio Aracatimirim.

Luiz Caboclo ensina que o curral de rio é feito com mourão e tecido com varas. Coloca-se os mourões e se tece as esteiras, ou seja, as espias. O chiqueiro é tecido com cipó, e as espias são feitas de varas amarradas com cipó ou corda de nylon. O curral do rio só tem o chiqueiro e as espias, é despescado com o landuá, que é feito com fio de algodão fiado pelas mulheres (Figuras 26 e 27).

João Gomes e o pajé Luiz Caboclo contam que tinha outro tipo de pesca de curral, chamado de curral de lama. Este curral era feito e desmanchado na mesma hora. Contam que era feito de lama: uma pessoa iniciava fazendo um polmeiro (água suja) e os outros acompanhavam de 5 e 5 passos de uma pessoa para outra, formando um círculo, e pescavam no pé do polmeiro, e o peixe ficava dentro, na parte limpa e era despescado por meio de tarrafa. Esta modalidade de pesca coletiva primitiva, mas muito inteligente, deixou de ser praticada pelos Tremembé.



Figura 26 - Landuá usado antigamente.



Figura 27 - Landuá utilizado atualmente para pesca no rio.

4.1.4 A PESCA DO CAMARÃO NO RIO

Luis Caboco fala que

hoje a pesca de camarão é feita com a tarrafa e de rede. Com a tarrafa é lanceando e pega os maiores. Com a rede, é duas pessoas, uma leva dum lado, e uma leva do outro, puxa os camarões grandes e os miúdos. A malha da tarrafa e da rede é a cabeça de um dedo mindinho (Figura 28).

Diz ainda o pajé que, antigamente, não tinha a pesca de camarão. Quando acabou o capim no lagamar, foi que deu início à pesca do camarão. O povo não tinha tanto interesse de pegar o camarão porque era mais para comercializar e tinha

muito peixe no nosso lagamar. Por isso, o povo não ia se empalhar na pesca de camarão. Hoje as tarrafas são feitas de nylon com uma malha miúda do tamanho da carapuça de um dedo. Carapuça de um dedo representa a espessura da extremidade do dedo.



Figura 28 - Rede para pesca de camarão utilizada pelos Tremembé no rio Aracatimirim.
Foto: Miguel S. C. Braga.

Luís Caboclo afirma que os antigos eram sábios cientistas; diziam frases como: “Deus tira os dentes e alarga a goela.” Eles diziam isso se referindo ao fato de que, quando os peixes diminuíram, o povo passou a pescar o camarão. “O lagamar representa para mim o nosso pai. Se não fosse o lagamar, nós não existiríamos aqui, porque ele é uma fonte de alimento e um símbolo para o povo Tremembé.”

Os pescadores pescam camarão diariamente, mas o período de melhor pesca acontece nas marés de quarto.

4.1.5 PESCA COM JANGARELA

A jangarela era feita de fio de algodão, com o passar do tempo, foi trocada por rede de nylon e por último, por manzuá feito de vara. Na atualidade, esta modalidade de pesca já não é mais praticada, mas está registrada na memória do povo Tremembé (MITS, 2010).

Segundo o pajé Luis Caboco,

a jangarela era feita de fio de algodão, do modo de uma rede de dormir. O fio era tecido como uma rede de pesca, e colocava numa esteira de vara. Pescar com jangarela é esperar o peixe de salto. Os Tremembé conheciam quando estava entrando peixe nas camboas. Eles esperavam a maré encher e quando parava, eles tapavam a entrada da barra com a jangarela. Quando a maré ia baixando, o peixe pulava e caía na rede. Os carapicus, carapebas, soias e pacamons ficavam nas poças d'água, e eram pegos a mão, só os pacamons que se matavam a pau (MITS, 2010).

4.1.6 PESCA COM AS MÃOS

João Gomes lembra que antigamente se pescava no rio de choque, de landuá, linha para pegar peixe e para pegar siri, curral, manzuá, tarrafa e jangarela. Com a mão, quando na lama, pegava peixe, camarão. O choque é um tipo de armadilha para pegar peixes. Ele é feito de vara, faz um círculo de cipó (Figura 29). Quando o lagamar tinha capim, algumas pes-



Figura 29 - Choque utilizado na pesca de mão visto por dois ângulos.



Figura 30 - Landuá utilizado antigamente para a pesca do siri.

soas pescavam de choque. Hoje o choque é usado para pescaria nas lagoas e nos córregos. De mão pegavam muito guaiamum, porque tinha muito pé de mufumbeiro, onde os guaiamuns se criavam.

4.1.7 A PESCA COM LINHA DE MÃO

Estêvão Henrique conta que houve um tempo de pescaria de camurim com linha de mão. Estrova um anzol nº. 15 na ponta da linha, e mais acima uma chumbada para pegar bagre, carapeba. Os pescadores vão na hora da maré seca ou quando ela está começando a encher. A pescaria não dura o dia inteiro, e sim, só no período da maré.



CONCLUSÃO

Considerando os temas abordados neste livro, que foram pesquisados com os pescadores Tremembé, pretendemos que sirvam para aprimorar o conhecimento de nossa juventude de hoje, que vive no mundo da tecnologia, valorizar a pesca artesanal, e saber como o pescador Tremembé vivenciou e vivencia a arte de pescar até os dias atuais.

Além disso, queremos que este livro seja uma forma de envolver jovens, que venham se aliar à resistência e articulação das comunidades Tremembé de Almofala e à defesa dos direitos dos pescadores, na busca da conquista de conhecimento e da preservação da tradição Tremembé.

Em anexo, seguem as entrevistas transcritas e utilizadas neste trabalho, com todas as lideranças entrevistadas, para que sirvam também, a qualquer tempo, como testemunho da nossa vivência, tradição e evolução pesqueira no mar e no rio.

Por fim, o corpo deste trabalho é o registro escrito da memória falada de nossa tradição pesqueira, através das atuais lideranças Tremembé. Com o passar do tempo, certamente se perderiam detalhes, como ocorrido com tantas outras tradições não escritas, que foram sendo modificadas, ou que perderam-se no tempo.



BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, N.B.G. *Jangadas*. 3. ed. Fortaleza, CE. Banco do Nordeste S.A., 1995.

BRAGA, M. S. de C. Homens do Mar - jangadeiros e suas embarcações a vela. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: v. 46, n. 272, 2010.

CASTRO SILVA, S. M.M.de. *Caracterização da pesca artesanal na costa do Estado do Ceará, Brasil*. 2004. Tese (Doutoramento em Ecologia e Recursos Naturais) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.

CONCEIÇÃO, R. N. L; FRANKLIN JUNIOR, W. ; BRAGA, M. S. C. *Instalação de recifes artificiais para o incremento da produtividade em comunidades pesqueiras do litoral do Estado do Ceará*. In: Seminário Internacional sobre Pesca Artesanal, 1996, Fortaleza, Ceará. Anais do Seminário Internacional sobre Pesca Artesanal. Fortaleza, Ceará: Imprensa Universitária, 1997. v. 1. p. 99-111.

CONCEIÇÃO, R. N. L. *Ecologia de peixes em recifes artificiais de pneus instalados na costa do estado do Ceará*. 2003. Tese (Doutoramento em Ecologia e Recursos Naturais) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.

IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil - 2004, CEPENE, Tamandaré, 2005.

MITS- 2009.

MITS. TREMEMBÉ, OS DEUSES DO MAR, 2010.

MMA-IBAMA. Instrução Normativa Nº. 8, de 29 de abril de 2005. Regulamentação da pesca da lagosta. Brasília, 2005.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. de. *O encanto das águas: a relação dos Tremembé com a natureza*. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SILVINO, A. S. *Etnobiologia dos jangadeiros da praia do Mucuripe (Fortaleza-CE)*. Monografia de Graduação em Ciências Biológicas, UFC - Fortaleza, 2007.



ANEXOS (Entrevistas)

ANEXO 1

FRANCISCO MARQUES DO NASCIMENTO, 57 anos, nascido em Almofala, cacique do aldeamento Tremembé de Almofala e Mestre da Cultura. Conhecido como João Venâncio. Mora na Aldeia da Praia.



Entrevista realizada em 2012.

As primeiras jangadas que foram utilizadas na praia de Almofala, jangadas que eram feitas de raiz de timbaubeira e do mulungu. Por um bom tempo era pregada com torno feito de pau ferro e a jangada feita de piúba, que era um rolo de pau bem grosso, madeira que vinha de fora. Isto foram as primeiras jangadas, inclusive João Venâncio, o cacique, pescou numa. Era pequena, mal cabia duas pessoas, mas o professor de pesca iniciou a pescar e a governar. Com o passar do tempo, começaram a aparecer as canoas pequenas, mais conhecidas como boca

aberta, e foram aumentando, mas mudaram de mulungueiro para piúba, essa madeira não era daqui.

Elas eram de fora, mas se iniciou por aqui também, e houve época em que as jangadas foram feitas de timbaúba, complementando com a piúba. Houve uma época em que elas foram acabando e ficou mais difícil, foi quando eles mudaram. Foram aparecendo muito mais como a papagaio, pilombeta, enquanto as outras jangadinhas, feitas da raiz da timbaúba, acabaram-se e passaram para piúba, e da piúba, passaram para jangadas de tábuas, que eram forradas com isopor.

Foi quando começou o processo de mais canoa de boca aberta. Eles deram também para fazer de meio convés, meio convés na popa e na proa.

Com o decorrer do tempo, foram surgindo os botes, mas, quando começaram a surgir os botes, todos cobertos por cima da boca de escotilha, começaram a fazer o convés nas canoas também, aí fechavam só meia boca, trazia da popa até o meio e ficava só a boca. Com o decorrer do tempo, deram para fechar, e começaram a fazer boca de escotilha, e, até hoje, o processo ocorre. Os botes, os mastros eram arrancados por cima, nem todo homem podia arrancar aqueles mastros, e depois fazia meia laranja, as bocas de escotilha, porque era fechada e tinha que ter esta tampa para entrar e sair. Tinha também as chavetas, onde você colocava o mastro, pois antigamente era arrancado por cima. Aí, fizeram a chaveta, E ela é aberta, onde você abre, e o mastro sai derreando, caindo na embarcação, aí só fazia dar uma puxadinha, e economizou muito e não tinha mais aquela extravagância de você arrancar, pois, muitas vezes, você escarrava até sangue, pois, era muito pesado. Quando o mar tava plano, o processo de arrancar o mastro era melhor, mas muito arriscado.

Logo depois, os botes a motor vieram as lanchas, e daí por diante, passaram a existir vários modos de pescar. Estes modos de pescar passaram por muitas modificações: jangada de timbaúba, jangada de tábuas, bote comando na proa, botes

a motor e lancha. Hoje não existe mais a jangada de timbaúba, só existe jangada de tábuas e botes com comando na proa, botes a motor e as lanchas. As canoas ainda tem, mas é muito difícil ver canoas de boca aberta. A tradicional de antes acabou, hoje não existe mais.

Os panos das embarcações de antigamente eram feitos de saco de açúcar, que eles compravam na bodega, as cordas eram feitas de manilha, pois não tinha nada de nylon, quando não tinha cabo de manilha, compravam fios e faziam as cordas nos carretéis, que era utilizado no pano que chamava de palomba, um processo que tinha de embainhar o pano, e amarrar as cordas. Com o passar do tempo, apareceram o morim, que era um pano comprado na bodega, depois passou para o algodão-zinho, daí passou pra lona, da lona passou pro tergal, adaptaram-se ao tergal, por ser mais fino e secar mais ligeiro. Ele dura mais. A lona é mais grossa, custa mais a enxugar e acaba mais ligeiro. Havia três espécies de morim: o do bom, o do meio, e o mais ruim. Naquela época, não existia tinta, as embarcações eram pintadas com piche, depois surgiram as tintas a óleo, tinta envenenada, e agora que estão utilizando resina, e depois passava a tinta por cima.

A fateixa era feita com dois paus feitos em cruz, furava um buraco nas pontas, metia uns paus e colocava uma pedra dentro e fechava.

O tuaçú, que era uma pedra, não furava, colocava o cabresto nele para pescar de arrastão. A fateixa, onde você arriar ela segura, o tuaçú, não, vai arrastando aos poucos de acordo com a posição, ele vai arrastando ligeiro, de galope, de pé de galo, de carreirão, você é quem controla. A fateixa, para poder segurar, ela precisa de quatro ganchos.

Os tipos de pesca

A pescaria de arrastão, manzuá, compressor, de mergulho, de curral, de rede, de espinhel, a marambaia, e de tarrafa. Essas pescarias estão muito diferentes, pois, naquele tempo, pescávamos sem precisar de aparelhos, mergulhava

sem máscara, e hoje, eles só pescam se tiver um aparelho, a máscara, tá muito diferente.

A pesca da lagosta começou com o jereré, passou para o manzuá, do manzuá passou pra rede e da rede voltou para os manzuá de novo. O manzuá era feito de vara, amarrado com cipó, depois mudaram para o arame. O manzuá de antigamente, o formato dele era igual ao de hoje, só que o de madeira não fazia muito ângulo, e o de hoje, como é de arame, ele faz muito ângulo, muito canto. O manzuá de madeira os cantos dele ficam um pouco arredondados. Para fazer um manzuá, precisa de vários paus. O manzuá de primeiro era muito grande, dez palmos de frente, tinha pessoa que trabalhava de dois ou de três, isto na pesca de peixe. Na pesca da lagosta, dependia das embarcações, pois algumas pegam cento e cinquenta de uma vez, e há outras que pegam trezentos manzuá. Nas embarcações maiores, pegam dois mil e quinhentos manzuá. Quando se começou a pescar antigamente, era de linha, as linhas eram feitas de fio, que já tinha torcido no carretel, pegava a folha do cajueiro ou do mangue, e passava na linha, para não encas-corar, para ela ficar forte. Pegava o camarão, ubarana, e aqueles peixinhos de jangada, como barbudo, coró branco, durante o dia. Tinha as pescarias à noite, que eles pegavam o bagre branco, cação panam, e o cação veia. Com o passar do tempo, as coisas foram se modernizando, foram chegando o chumbo, o nylon. A pesca de rede é uma coisa, a de arrastão tem que ter o peso que arrasta devagar, e a rede você tem que colocar uma garatêia. Você coloca e fica pegando, arria elas umas três horas da noite, depois você vai olhar pra ver se pegou alguns peixes. A rede, ela pega todo tipo de peixe, como bonito, garajuba, serra, cavala, sioba, biquara, pilombeta, etc.

A pesca de curral tem um processo prolongado, ele pega a questão da madeira. O curral de antigamente era muito diferente, havia uma diferença, pois os primeiros currais eram só na vara e no cipó, o chiqueiro era uma espécie de vara que só tinha varas linheiras, e, para tecer, era separada das grandes das outras e o cipó também para fazer o chiqueiro. Com o correr do tempo, as varas foram trocadas pelo arame, e todos

os chiqueiros passaram a ser de arame. Os currais de antigamente também eram feitos de tucum e hoje não tem mais nada tradicional. O arame durava quatro meses, e hoje ele dura oito meses. O cipó apodrecia com o passar do tempo e dava um trabalho para limpar e montar outro. Os currais eles não quebram por completo. A distância de um curral pro outro é de cento e cinquenta braças. O processo só é terminado quando enfinca o chiqueiro, enfinca a sala grande, aí vem o processo de especamento. A tripulação de pesca é de quatro vaqueiros mestres, um canoeiro e dois ajudantes. Naquela época os peixes eram colocados na beira do mar, e lá chegavam os pescadores para comprar aquele determinado peixe que eles levam para casa pra tratar. Depois de tratado, eles vendiam. Hoje o peixe já é ensacado, vai para a pesqueira, e de lá vai pra os carros para ser comercializado.

A safra da sardinha é de maio a julho, às vezes uma marezada de bonito, de serra. O peixe que está mais difícil é o camurupim.

A pesca na marambaia

A pesca na marambaia é um processo mais maneiro, hoje não estão sem trabalhar em marambaia. No meu tempo, a gente vai ao mangue, corta alguns paus, e leva para fazer a marambaia. Arriava os pedaços de pau, quando chegava no local de colocar a marambaia, afundeava-se a embarcação, levava cinquenta ou mais rolos de pau, arriava de dez a quinze paus por vez. Depois mergulhava, ajuntava a madeira, fazendo montes. Quando terminava, subia e arriava outros quinze paus, e assim por diante. E depois amarrava, começava pelo primeiro feixe, com a corda de amarrar, chamada a corda de arinco. A partir dali, não se perde o rumo, porque faz um caminho pelo seco, e a chegada pelo lado que o sol se põe. Pode ser por uma moita ou por um coqueiro, quando o coqueiro se encosta na moita, estamos bem perto da marambaia. A marambaia no mar é como se fosse a nossa casa no seco. Um peixe no mar, quando vê uma sombra, ele engoda, e ali

vão aparecendo outros peixes e vão fazendo engodo. Os peixes miúdos fazem engodo para os peixes maiores. Tem a época da pescaria da cavala, é de abril a maio. Junho e julho e de agosto pra frente é a safra da pesca de manzuá. Os peixes que dá mais na marambaia é o parum, garajuba, garaximbora, arraia, serra, cavala. Se você tiver uma marambaia, fica mais fácil de pescar, e você pegar uma boa boia de peixe, porque você tem um canto certo. Na marambaia pega todos os tipos de peixe.

Como você iniciou a pescar no mar?

Eu não tinha vocação pra estudar. Minha vocação era o mar. Quando eu era menino, ia para a praia com a mamãe, e via aqueles jangadeiros com aquelas sacas de peixe ou enfieira, e achava muito bonito. Minha vocação, eu queria ser um pescador, possuir minha jangada, que pudesse ir pro mar, que chegasse com uma saca de peixe ou enfieira, fazer aquela negociação que eu via os outros pescadores fazer, isso para mim era tudo na vida. Minha mãe pelejou muito pra eu estudar, ainda li a cartilha de ABC e recordei a cartilha da Lalá e Lili. Comecei a recordar uma parte, aí parei, não quis mais saber de estudo. Às vezes, eu ia para a escola, no caminho, enterrava o caderno, a cartilha e a tabuada, e botava uma larga por fora e ia pra beira da praia, esperar os paqueteiros. Ajudava a rolar a jangada, fazia a poita, ferrava o pano, às vezes, ganhava uma boia de peixe. Quando mamãe estava com a veia boa, quando eu chegava, ela ficava toda satisfeita. Teve um período em que ela não aguentou, teve que afrouxar, ela estava com a veia ruim, aí venha para a sola. Aí eu ia caçar o material da escola, e, no outro dia, o que eu queria, era a minha vocação, era ser pescador. Jangada de mulungu, de raiz de timbaubeira, eu possuí três, duas canoas, e um bote, sempre possuí minhas coisas, pouquinho pesquei para os outros. Sempre pesquei com o que era meu, com a minha autonomia, comecei a pescar com oito anos de idade, já sustentava a casa. Quando chegava na costa, rolava o pacote, o mestre tirava o peixe dele, o peixe

do proeiro é marcado, ele mesmo parte o peixe, tirava a metade pra ele e vendia a outra metade. Eu trazia pra casa aquele dinheiro que ele me dava. Chegava em casa e dava todinho pra mamãe. Comecei a esconder dinheiro quando conheci a influência com namorada.

ANEXO 2

TARCISIO MARQUES DO NASCIMENTO, 73 anos, liderança da Aldeia da Praia, nasceu e se criou em Almofala. É conhecido como Tarcísio Pedro.

Entrevista realizada em 29/4/2012.



Quais os tipos de embarcações usadas na pesca em almofala?

No tempo que comecei a pescar, as embarcações que possuí e muitos possuíam era a jangadinha de raiz de timbaúba. Depois apareceram as jangadas de piúba. Aconteceu de eu ir até Fortaleza buscar quatro jangadas, dois contos de réis em cada uma pra trazer. Depois apareceram as jangadas de tábuas. Também pesquei nelas, só nunca tomei conta de bote, porque nunca quis. Mas em canoas, até jangada de piúba eu posso ir, com jangada de timbaúba, fiz muito, para mim e para os outros. Eram quatorze, doze ou dezessete palmos o comprimento da jangada. Está com cinco anos que abandonei esta luta de pesca no mar, mas enfrentei cinquenta e quatro anos de luta. Me achei muito cansado e abandonei, mas ainda tenho saudade. Tem dia que acordo de madrugada, sem destino, tenho vontade de ir ao mar. Quando eu tinha coragem e nervos, achava bom a luta do mar, porque dava fartura. Hoje a gente sai de casa de manhã, vê esse pessoal que sai de madrugada, passa o dia no mar e não traz nem pra comer, não adianta. Pratrasmemente, a gente passava uma hora dentro d'água, só não faltava chegar em casa com o carregamento de peixe. Nos meus tempos, quem era a pessoa que ia se empariar, tratar biquara e canguitinho pra botar no fogo, fazia era soltar e ia comer era pescada, xaréu, enchova,

e outros. A pescada branca, se botasse dez anzóis em uma linha, era dez pescada, que pegava de uma vez. Hoje se vê uma pescada é novidade. Pratasmente, quem ia tirar sardinha e pilombeta, era enterrado na costa. Quando a maré enchia, levava de volta. Hoje, tem dia que a gente falta chorar para chupar uma cabeça de uma manjubinha, que não tem mais. Ninguém come mais peixe, só faz cuspir. Pratasmente, a gente comia peixe e sabia que tinha carne, mas hoje, quantas vezes, eu botei as panelas de barro cheias de camurupim no mato. Hoje ninguém vê nem as escamas, avalie comer.

Quais os tipos de pescaria atualmente em almofala?

Hoje existem muitas, tem a pesca de lagosta, que é de muito jeito, de manzuá, de rede, de tarrafa. Essa pesca de rede é que acaba com tudo, até o lodo ela acaba. Mais tempo vai se passando, mais vão ficando difíceis as coisas. A pesca de antigamente era só de linha, porque tinha muito peixe, por isso o peixe não era perseguido. As pescarias atuais são diferentes das de antigamente. Pratasmente, não pegavam os molhos de caçoeira para levar pro mar, não precisava. Hoje se você posuir um bote, a carga vai completa só de rede. Antigamente não existia isso. No meu tempo, ia para o mar, só levava a linha feita de fio e o anzol. Era estrovado com fio, não matava mais peixe porque não queria. Hoje tudo é luxo e nada tem.

Como era feita a pesca de lagosta antigamente?

A pesca de lagosta, pesquei muito, logo quando apareceu a pesca de lagosta, fui para a praia de Meireles buscar duas jangadas, pegava lagosta era no jereré, não tinha rede, nem manzuá. O jereré é um landuá grande, pegava o peixe, fazia um molho de isca, amarrava, botava dentro do jereré, amarrado, descia com o peso de três quilos no fundo do jereré, de dez braças, começava com oito braças, o mais eram doze braças. Não passava meia hora, quando ia suspender, não faltava embarcar cheio de lagosta. As lagostas davam um quilo ou mais de um quilo da cabeça à cauda. Hoje em dia, não tem mais lagosta, é só piolho. Pratasmente, tinha muita la-

gosta, enchia de três ou cinco surrão, não tinha mais onde botar, aí ia embora. Hoje tem gente que passa um mês e, quando vem, não falta pagar o rancho. O jereré é feito de fio, parece um landuá grande, mas ele é comprido, coloca o peso no fundo, quando a gente suspende, ele estica. Quando desce também. Quando a gente arreia, ele solta a corda, assenta no chão iscado, a lagosta faz molho comendo a isca, aí é tempo que a gente puxa, e a lagosta cai dentro do fundo e não sai para cima. Pesquei muito, pegava de três a cinco surrão, tinha vez que não passava nem a noite toda. O surrão é uma saca feita de palha de carnaubeira.

Como é feita a pesca de manzuá?

É feita de arame, já vem iscado, bota de dez a vinte numa fila, tem que iscar senão não entra n'água. O tipo de isca é qualquer um peixe, mas pra lagosta, é bom quando bota frango, mas quando é uma coisa gordurosa, melhor ainda. Hoje quem quer faz um manzuá de arame faz, quem não quer faz de fio de seda, tece, arma, depois cobre o manzuá. O manzuá é arredondado.

Como é a pesca com linha de mão e que peixes pesca?

No começo, a linha era feita de fio de algodão, depois apareceu o nylon. Quando não era de fio, era de cadilho. Eu cansei de fazer linha de cadilho, fazia no carretel, comprava, tirava, fazia os novelos e torcia no carretel. O cadilho é um modo de uma linha muito forte. Os tipos de anzóis dependiam da cassia (escassez). Anzol 12, 13, 14, 15, estes anzóis é pra pegar biquara, coró branco, canguito, barbudo. Esses são para pegar peixe miúdo. Os anzóis para pegar peixe graúdo são os anzóis de número 7, para pegar os peixes na flor d'água. Anzol número 5, 2 e 3, quanto mais o peixe é maior, menor é o número do anzol.

Como é a pesca com rede?

Faz as redes, os filames como se fosse uma parede. Os peixes que vêm de um lado e de outro se engancham, o sujeito

coloca do tamanho que quer. Tem gente que bota com duzentos metros, duzentos e cinquenta ou trezentos metros, vai da vontade do sujeito. Serve para todos os tipos de peixe. A malha depende da tripulação, se quiser pegar só o peixe graúdo, faz uma malha grande, mas, se quiser pegar tudo, faz uma malha miúda.

Como é a pesca de curral?

A pesca de curral é muito fácil, só comprar o arame e tecer e enfiar o madeirame, e botar em cima, pronto. Pra quem não entende, e compreende, é difícil, mas pra quem compreende é muito fácil, é despescado com uma rede, formada do tucum, tira a linha no tucunzeiro, que é uma planta parecida com o pé de pindoba. Pindoba é aquela planta que aqui é conhecida por palmeira, e para o norte é conhecida por pindoba. A rede era feita do linho do tucunzeiro. Primeiro marca o chiqueiro, enfiar o madeirame, marca a salinha e a sala grande e enfiar o madeirame. Essas partes são feitas com arame tecido. As espias são feitas só de arame.

O que é marambaia e como é feita a pesca na marambaia?

É uma pescaria. Marca o local e faz. Enche de madeira, pedra grande ou tambor. A marambaia, a gente faz do jeito que quer e puder. Antigamente, era feita só de madeira. O peixe fazia visagem, encostava demais. Pescava com linha e tarrafa.

Como você iniciou a pescar no mar?

Eu enfrentei a luta do mar com treze anos. A pesca era perto, bastava salvar a volta grossa. Só pescava nas jangadas de timbaúba, ia pescar sozinho. Muitas coisas eu era afoito. Quem me ensinou a pescar foi meu pai que me criou. Ele me levou para o mar, eu tinha nove anos, me embriagava, buchava o mar, como todos. Aí me acostumei. Com treze anos, comecei a ir sozinho pro mar.

Como era o pescador de antigamente e como é o pescador atual?

A gente pegava os arreios de pesca, uru, botava as linhas dentro, uma linha de chumbada pra bibuia (a linha na ponta d'água). Descobria toda qualidade de peixe. Hoje é só no nylon, e nada o sujeito faz. O pescador atual, eu vejo que eles tão se acabando antes do tempo, não tiram mais resultado na luta de pesca. Logo tem uns que, quando mete dois tragos de cachaça, se diz que é um pescador, mas não sabe caçar nem uma ponta d'água na hora da pescaria. Tomar banho na água do mar, qualquer um pode tomar, mas conhecer e entender o que é o mar, acho difícil.

Um dia, chegou uma mulher fazendo uma pesquisa e me perguntou se eu era pescador. Eu respondi: “senhora não me leve a mal, mas eu não sou pescador, tomo banho numa parte da água do mar.” Ela me perguntou quanto tempo que eu estava na luta de pesca, e eu disse que estava com quarenta e oito anos. Então ela disse que eu era um pescador. Qual é o motivo de você dizer que não é pescador? É muito fácil, pescador é um pássaro, Martim pescador, que vive nas ilhas do mar.

O mar é o maior segredo de Deus. A maior ignorância é uma pessoa dizer que conhece o mar, porque não tem ninguém que conheça. Conheço a maré devido à luta do trabalho do dia a dia.

ANEXO 3

JOSÉ GERALDO DOS SANTOS, é conhecido como **Zé Biinha** e tem 56 anos. Nasceu em Varjota, e hoje mora na **Aldeia de Mangue Alto**, onde é liderança.

Entrevista realizada em 29/4/2012.



Quais as embarcações de pesca dos Tremembés?

De agora, de antigo, nós aqui, do meu conhecimento, era canoa, jangada de raiz de timbaúba, e bote. Pra nós aqui, era difícil navegação a motor, no nosso porto, começou a aparecer do pessoal de fora. Depois foi que a negada começou a fazer jangada de tábua com isopor, porque a jangada de timbaúba se destiorava mais cedo, apodrecia. Mas agora, tem de tudo, tem o barco, tem a lancha, tem o bote a motor, tem o bote a pano, a jangada e canoa. Apareceu também, antes de eu começar a pescar, apareceu uma jangada de piúba, essas daí também eram de fora, que elas vieram pescar lagosta de jereré, mas foi pouco tempo, aí ficou só o nosso, que a gente usa aqui.

Como era a jangada de raiz de timbaúba?

A jangada de raiz de timbaúba era feita com os espeque de pau, atravessando as raízes de uma pra outra. Em vez de ser de prego, que o prego não entrava na raiz, botava uma encostada na outra, aí metia aqueles espeques de pau, aqueles espetos, aí metia de uma pra outra, atravessava ela, trespassava de uma pra outra e ia enchendo até fazer a jangada. Mas primeiro arrancava a raiz e descascava ela e botava pra secar,

só fazia a jangada depois que ela tava bem maneira. Depois que a raiz secava, era que eles iam fazer. Por aqui tinha timbaúba, mas era pouco. Teve gente que trouxe timbaúba de lá das bandas da Mãe Cosme. Toda jangada era de timbaúba, então quem tinha um pé dela, a negada comprava a raiz. E aí ele achou que dava uma renda e plantou um bocado de pé de timbaubeira. E tinha mais gente que plantava, porque viram que dava renda. Mas a renda que dava foi pouco tempo, que a negada inventou de fazer jangada de tábua, e quem tinha seus pés de timbaubeira ficou sem serventia. É um pé de pau que toma muito espaço na terra, aí eles tão arrancando, porque a raiz é muito grossa, e se espalha muito.

Quais os tipos de pesca?

Manzuá, de primeiro quando eu comecei a pescar, a pescaria era de linha, e, mais pra trás, a negada pescava com linha de fio. Quando eu comecei, a linha já era de nylon. A linha de fio, que o pessoal usava mais antigamente, tecia o fio, encerrava ele com folha ou na casca de cajueiro, ou na folha do mangue, esfregava ela e ela ficava bem forte, resistente. Depois passou pro nylon, era a tarrafa, era a tarrafa mais pra banda do lagamar, e na beira do mar. A pesca de lagosta era feita de manzuá, não existia rede, pra trás era o jereré, ou manzuá, não tinha caçoeira, a caçoeira era só pra peixe.

Existem diferenças entre as pescarias de hoje e de antigamente?

Umas é diferente, apareceu agora umas pescas que não tinha. Antigamente, os pescadores desciam, amarravam o manzuá embaixo lá no chão e depois desatavam. Agora apareceu a pesca de compressor. Agora, que de primeiro não tinha, inventaram também o arrastão, aqueles “arrastãozão” boieiro, que toma quase que o mar todo. O manzuá era afundado com a fateixa que é um gancho de pau, feito a cruz, em cada ponta da cruz sai um gancho de pau, e uma pedra no meio, esse o ferro que as nossas embarcações era afundada de primeiro. O manzuá era arriado com o mergulhador usando

seu fôlego, agora ninguém mais vai nessa, já arreia o manzuá amarrado na fateixa, garateia, agora, fateixa não tem mais. E tem mais umas diferenças também, pra marcar as pescarias, as marambaias, a gente ia com a marcação por o seco, a gente fazia o caminho daquela pescaria pelos coqueiros, os morros, às vezes com uma casa, uma moita, e fazia a chegada também, pela terra, a igreja da Almofala também dava chegada também pra pescaria. Hoje não tem mais essa, de alguém marcar o caminho de uma pescaria, é no GPS, o navegador. Toda embarcação, agora tem um navegador.

E a pesca de lagosta antigamente?

Eu acho que foi só dessas jangadas, pois quando a jangada se acabou, acabou-se o jereré, depois foi que apareceu a rede, e mergulhador pescando de compressor, de manzuá, de rede.

Como é feito o manzuá?

O manzuá é feito de arame, a pessoa faz a armação dele de pau, aí tece as esteiras de arame, e aí cobre a armação dele com a rede, com as esteiras do arame, aí cerca ele e aí fica o manzuá. Me parece que já inventaram também de nylon o manzuá, mas do meu conhecimento mesmo, é de arame.

E a pesca com linha de mão?

Eu acho que, dos peixes que eu conheço, é muito pouco que não é pegado de linha, porque de linha a gente pega o cangulo, pega a biquara, pega a guaiúba, pega a cavala, pega o serra, bonito, garajuba, parum, garamximborá. Dos peixes que não pega de linha, eu não tô lembrando, não. Os peixes menores, a gente pega com anzol 10, 11 e 9; a cavala, que é maior, é o anzol 4, 3 e 5; a sardinha a gente pega no anzol, a gente pega no anzol 12 e 13. Com anzol 7 e 8, pega o pargo, quando tinha. A aruanã a gente pega ela de linha também, pega de caçoiera e de linha, eu já peguei, usa anzol 0 ou 1. Quando tinha muita aruanã, a negada mandava fazer anzol no ferreiro. Bota a chumbada, e, acima dela, o anzol. A aruanã vai escorregando na linha até se fincar no anzol, por debaixo da

aba dela. A gente sente quando ela tá escorregando na linha. Não precisa botar isca. Pega sardinha também sem isca, só na rocega, que é o mesmo espinhel, só que bem miudinho o anzol. A sardinha se pega com anzol bem novinho, que ele relampeia na água e atrai elas quando fica balançando.

E a pesca de rede?

A pesca de rede, ela tem as duas posições, tem a rede boieira, que é o arrastão, e tem a rede caçoeira, que a gente bota, a garateia segura a rede e segura a boia, a rede vai ficar embaixo, você pra pegar o peixe amarrada na garateia. Da garateia sai uma corda pra rede e outra pra boia, a garateia ela segura a rede e segura a boia, porque a rede vai ficar embaixo, você não vê ela, você vai pegar ela pela boia. Pega a boia e aí puxa a garateia, vem a corda da rede. A rede a gente faz ela do tamanho que a gente queira, né? Se ela ficar muito pesada, ela fica ruim de peixe, o mar não vai ficar mexendo, tem que ficar a maré tangendo ela. Ela tem na base de uns dois quilos de chumbada, a três quilos, com uma distância na base de meio metro de um chumbo pro outro.

E a pesca do curral?

Agora, a pesca do curral eu não tenho muita experiência, nunca trabalhei em curral, não sei bem como é. Eu sei que ele é feito primeiro botando os mourões, faz a armação dele estaqueado com os mourões, e aí cerca com as esteiras feitas de arame. A rede de despescar eu não sei bem se é feita de tucum, ou do que é. Sei também que, pra despescar, precisa de dois de cada vez pra passar o lanço. Quando eles acabam de passar o lanço, tem umas cordas que puxam.

Como é feita a marambaia?

A marambaia, eu sei mais como é. A marambaia é naquela posição que eu falei. Antigamente, a gente inventava um caminho pro mar e fazia uma base, tinha que fazer um caminho seguro, pra não perder a marambaia. Onde ele via que dava pra fazer, deixava um arinco pra achar fácil. Antigamente, se fazia

com madeira de mangue, quando não era proibido. Amarra os feixes, metia a corda num arinco, fazia uma fateixa grande, ia enfiando os molhos de madeira, ia ficando só os montes de madeira, pronto, aí lá, e quando era no outro dia, botava mais, e quando era com uma semana, podia ir lá pescar, que já tava cheia de peixe. Dava muita garajuba, garaximbora, ariacó.

Como você iniciou a pescar no mar?

É quando a gente tem uma vontade de fazer uma coisa, é um sonho. Eu tinha tanta vontade de pescar que eu sonhava, de noite. Quando nós viemos embora pra cá, eu sou da Varjota, quando chegou aqui, eu botei minha vontade pra frente. Meu padrinho Chico Laurindo, eu disse que tinha vontade de pescar no mar, aí ele foi, falou com os vaqueiros do finado Salustiano. A primeira vez que eu fui pro mar, era tão perto o curral, que a canoa não tinha nem pano. Não achei muito bom, não, que a minha vontade era pescar de linha. Aí ele foi e arrumou, falou pro Antonio Bom me levar, aí eu fiquei pescando numa canoinha, que era chamada de Touro, que parecia um cocho de aparar massa. Aí eu pesquei um tempo com o Antonio. Depois eu arrumei um canto mais o João Pelonha, numa jangada de raiz de timbaúba. Aí eu fui pescar mais o Lico, depois comecei a pescar de manzuá com o compadre Nicanor. Eu acho que tinha uns onze a doze anos, quando comecei a pescar. E ainda não abandonei a pesca, não, ainda pesco um pouco, aqui mais por perto, nos cascalhos.

Como era o pescador de antigamente e como é o pescador atual?

Quando eu comecei a pescar mais lá pra fora, mais o compadre Nicanor, mais o Lico, no começo, nem uma saca pra gente dormir em cima não tinha, a gente dormia na tábua, mesmo. O travesseiro era em cima de uma saca de lenha, o fogão que a gente cozinhava era de lata de querosene, a gente levava a lenha e a busca de coco, pra fazer o fogo. Esse era o nosso fogo. E também a gente usava o sal, não tinha gelo, a

gente pegava o peixe, salgava, e trazia salgado. Na hora da gente comer, a gente fazia um pirão na cuia que a gente esgotava a canoa, ninguém tinha bacia, não. A colher era um pau de lenha, com ele, a gente mexia o pirão, e aí cada qual metia a mão dentro, e o peixe tirava da panela, com a mão. A gente passava de três, quatro dias no mar, a roupa que a gente saía com ela, era a mesma que voltava.

Quando a gente vem pra terra, o vento bom é o nordeste, mas, se pegar o vento sul de lá pra cá, você não vem pro porto, você arriba, se pegar o sueste, é o vento ruim pra vir pra terra, ele é bom pra ir pro mar. É o sueste com o leste, é a tormenta.

Hoje, a gente vai pro mar, pra cada um pescador que vai na embarcação, tem uma bacia e uma colher, uma bolsinha com sua roupa.

Qualquer porto que não tem barra, como o de Almofala, você sai a hora que você quiser. Já o porto que tem barra, como o de Torrões, você tem que sair de acordo com a maré, ela tem que tá cheia, senão não sai. Sai quatro horas, pra dar tempo de pescar, quanto mais cedo sair, melhor, se quiser voltar no mesmo dia, dependendo da distância. Tem pescaria que fica mais perto, tem outras que ficam mais longe.

ANEXO 4

JOÃO MARQUES DO NASCIMENTO, é conhecido como João Filho. Tem 34 anos, nasceu e se criou na Aldeia da Praia de Almofala. É jovem liderança e pescador.



Entrevista realizada em fevereiro 26/4/2012.

Embarcação a pano, a motor, jangada, paquete. O paquete era feito com timbaúba, enfiavam uns tornos. A jangada era feita de tábuas e isopor. Primeiro fazia as laterais, depois faziam as cavernas dentro, cobriam por cima com tábuas e emborcavam, jogam o isopor dentro, depois cobriam por baixo.

A canoa é feita de tábuas e pregada com pregos. Antigamente era mais usada a canoa aberta ou meia laranja. Meia laranja é duas partes fechadas e aberta no meio. O bote era a pano, era todo aberto. Chegou uma época que eles fecharam, tinha a caixa, Eles criaram um jeito de armazenar os peixes, fizeram um tipo de caixa para armazenar os peixes e guardar o material que levavam, pensando em quantos dias iam entrar no mar. Esta é a chamada meia laranja. Com o passar do tempo, vieram as embarcações a motor, do mesmo jeito do bote, só que eles iam mudando, fazendo uma casinha pra colocar o motor, não precisava de pano. Existe mais embarcação a motor do que embarcação a pano.

Existe a canoa de boca aberta e a canoa que é toda aberta, só tem um painelzinho que se chama meia laranja, só uma empanadinha embaixo. A canoa toda aberta é utilizada na pescaria de currais.

Os tipos de pescaria mais utilizados hoje são a marambaia, que é pra pescar de mergulho na captura de lagosta. As marambais pra pescar peixe de linha era feita de pau e ferro. Hoje estão mais utilizadas as marambais pra pegar lagosta de mergulho, e o curral hoje está muito utilizado. Passou um bom tempo sem ser utilizado o curral, e também a pesca de linha que é feita lá fora e de rede. Quando é noite escura, vão lá pra fora, pra pescar cavala, e, nas noites, pescam de rede. Há dois tipos de arrastão, um pra pescar na noite escura e outro pra pescar nas noites claras. Quem tem os dois tipos de arrastão, pesca na noite clara e escura, e quem não tem este tipo de arrastão pesca de linha. Hoje em dia, as embarcações a pano pescam mais de linha, as embarcações a motor só pescam peixe no período de seis meses. O manzuá também está sendo bem utilizado. Os principais tipos de pesca que são mais utilizados são de linha, curral, manzuá e rede de arrasto.

As pescarias atuais são diferentes de antigamente?

Tem muita diferença. Antigamente, a marambaia era feita de madeira, e desse jeito era pra pescar de linha e pegava cavala, parum, bonito, sardinha e outros. Depois inventaram a marambaia com pneus, e era pra pegar lagosta. Depois inventaram a marambaia de tambores de ferro, também pra pegar lagosta. Amassa os tambores, eles amarram de dois tambores, deixando um local pra lagosta entrar e as tampas, eles fazem uma arapuça pra pegar lagosta.

A pesca da lagosta de antigamente era feita no bote a pano, não existia bote a motor. Eles usavam mais ou menos dez mangas de rede que mediam cem metros cada uma. Separada era só um tirão. Eles afundiavam e arriavam, e de manhã iam só puxando o material. Se um barco levasse dez fileiras de rede, arriava uma distante da outra, para bem cedo pegar na borda em bote a pano. As coisas foram evoluindo, aí chegaram as embarcações a motor. Estava dando muita lagosta, e os botes a motor levavam mais material. No início, levavam de dez a quinze fileiras. Depois da chegada dos botes a motor, come-

çaram com vinte, trinta fileiras em cada embarcação. Hoje tem barco que pesca com 240 filas de rede. Antes não tinha ambição, pescavam na beirada com puxadeira de 10 braças.

E a pesca da lagosta com manzuá?

Faz o manzuá, manzuá pequeno. Antigamente, mediam vinte braças de um manzuá para outro. Hoje mede dez braças de um manzuá para outro. Coloca um cabresto, depois coloca mais dez manzuá numa fileira, coloca dez manzuá, Na frente, fica uma garateia, e atrás fica outra, e a puxadeira fica no meio. Depois vai arincando de um em um. De manhã, eles vão puxar. Se estiver dando muita lagosta, eles arriam no mesmo canto, quando não está dando nada, eles se mudam. Eles dormem perto do material. É um serviço perigoso para arriar, porque é o barco puxando cinco ou seis milhas.

O manzuá é feito de madeira de marmeleiro. Por fora é arame. A boca é feita com fio de seda.

E a pesca de linha de mão?

Pesca todos os tipos de peixe, depende dos tipos de linha e anzol, porque, para cada tipo de peixe, existe o tamanho do anzol e o tipo de linha. Por exemplo: o anzol 13 não vai pegar camurupim. Pegar peixe não é pra todo mundo. Pra pegar biquara, precisa uma linha de nylon 40, bota uma linha 50 pra sambaia, 25, mais pra fora uma linha 60 com rabo de pato. Pra pegar ariacó, com linha 50 no nylon de chumbada, coloca uma linha 70 ou 80 por cima d'água com um peixe vivo no anzol 6 ou 7. Por cima d'água, no rabo de pato, coloca um anzol nº. 8 ou 9. Na linha de chumbada, um anzol 13. Uma linha grossa pra andar por cima d'água não precisa botar chumbada. Já a linha rabo de pato precisa botar chumbada. A linha rabo de pato é um anzol. Mede três braças e bota a chumbada, coloca a isca no anzol e joga. O restante da linha é amarrado na perna ou no dedo. Este tipo de linha é para pegar ariacó. A pesca de cavala ou peixe maior, coloca um anzol amarrado com aço. A isca é um peixe vivo ou a rabisca da sardinha. Joga e amarra na perna o restante da linha. O peixe

menor, embaixo, pesca com anzol 13 e linha 50 ou 60. Passando para as 27 braças, pesca com linha 90 ou 100, depende muito do pescador, porque tem pescador que não gosta de pescar com linha fina, é o tipo do pescador selvagem, quando bate um peixe, ele quer aguentar. Eu não gosto de pescar lá fora com linha 90, 80 ou 70. Com 60 na linha de chumbada, você tem mais facilidade para trabalhar com o peixe. Deve saber arriar a linha, medir as braças, nas 27 braças arriar uma linha. Para pegar cavala, você não vai iscá-la. Para pegar cavala lá fora, é do mesmo jeito da linha de rabo de pato. Amarra o anzol com aço nº. 3 na ponta da linha, isca uma banda de gurapa no anzol, mede 7 braças, coloca uma chumbada na medida, bota um peso. Dependendo da maré, se ela estiver correndo, bota um peso de 250 gramas. Se não estiver correndo, bota um peso de 20 gramas.

Como era pescar com rede caçoeira?

Muitos compravam a rede na fábrica, outras pessoas faziam mesmo na mão, compravam o nylon, pra fazer as agulhas, depois enchia as agulhas, faziam as cabeceiras, depois que tava feito compravam o bordão, chamado o nylon grosso, que é a corda de baixo e a corda de cima, ai eles entralhavam na corda grossa e num pé de pau podre, e aí eles iam entranhando. Depois que tava tudo entranhado, eles chumbava tudinho, tudo na medida. E a última corda que entranhava, eles enfiavam a bóia na corda. Agora, o chumbo, só enchumbavam depois que tava tudo entranhado, e depende da rede e dos fios. Três quilos de chumbo, quatro quilos, rede pra lagosta, pega uma 10 quilos de chumbo. Agora em pacote, ela tem que ser mais maneira, da base de 3 a 2 kg de chumbo.

E a pesca de curral?

Pesca de curral é feita de uma maneira de primeiro que eles faziam, hoje em dia também, só que, hoje em dia, tá muito mudado. Ainda alcancei a pesca de curral.

Quando o curral tá pronto, tem que ter quatro vaqueiros e dois ajudantes, e um canoeiro, e o lambe tábua, só pra

ajudar. O curral tem que tá limpo. Chega lá, a gente bota a rede dentro do curral, fica um na boca com a rede em cima, e fica um na ponta do cambão em cima, e o outro vai mergulhando com a ponta na mão. Lá onde ele deixar, desce outro, pega o cambão, sobe, desce outro, quando aquele perde o fôlego, aí desce outro até quando chegar no bico. Aí desce um pra fazer o bico. Aí tem uma corda que ele puxa embaixo, pra encostar a rede, unir a rede, fazer o monte da rede, e em cima do mesmo jeito. Quando chega é só fazer em cima e embaixo, aí é só puxar a corda. Aquele que tá lá embaixo tem que trazer a corda pra quem tá lá em cima.

O que é marambaia?

Tem marambaia de todo tipo, hoje em dia. Tem a marambaia de madeira, de antigamente, e tem outro nome, que a negada chama de pescaria. Ela é feita com pau do mangue.

Eu tinha cinco anos quando comecei a pescar, ia mais o João Velho, ele me levava muito pros currais. Ele me levava pras caçoeiras, quem me levava era só ele, aí fui aprendendo as coisas, primeiro de curral, depois de caçoeira, depois de linha, taí, hoje.

Antigamente, eu vejo assim, o pescador era mais valente, naquela época, tinha mais fartura, você vinha aqui, pescava um peixe, o pescador não tinha preguiça. Hoje em dia, a negrada tem a questão de desenvolver este tipo de globalização, a tecnologia tá mais avançada. Pescador hoje, às vezes, não quer mais sair de casa pra não perder um filme, uma novela. O de antigamente, ia pro mar todo dia, não tinha preguiça, era o meio de vida dele, era o ramo dele, eles eram mais valentes, pelo gosto dele, ia pro mar todo dia. Pra mim, eles eram mais valentes, enfrentavam o vento, a chuva, hoje em dia, o pescador quer se esconder na cabine pra não tomar chuva. Mas, naquela época, material pra pescar lagosta eram vinte filas de rede, não era como hoje, começava seis horas, oito horas tava tudo terminado, quatro horas se levantava e começava tudo de novo. Hoje em dia, o trabalho tá mais pouco, a produção, mas tem mais trabalho na pesca da lagosta, você

se levanta às duas da manhã, trabalha até as oito da noite. Antigamente, o pescador passava cinco dias no mar, hoje em dia, são um mês, quarenta dias, tudo isso, tem muito pescador que é só daqui mesmo de ir e vir, todo dia tá em casa, não quer passar muito tempo fora de casa. Tem pescador que não sabe o que é um vento, não sabe a direção do vento, tem pescador que, se perder a terra de vista, se ariar no mar, ele perde o rumo, não sabe voltar mais. O pescador de antigamente sabia a direção do vento, tinha mais ou menos a base, hoje em dia, ele vai mais pelo que ele quer ganhar, não é mais pelo aprendizado. O pescador de antigamente, qualquer coisa que acontecesse, ele sabia o que fazer, não se apavorava. Hoje em dia, o pescador trabalha mais com GPS, não quer saber mais dos pontos de terra, os caminhos de saída e de chegada.

ANEXO 5

DEUSDETE CABRAL DE SOUSA, 82 anos, nasceu e se criou em Varjota, e hoje é liderança indígena Tremembé de Varjota. É conhecido como Tio Dete.

Entrevista realizada em 1º./5/2012.



A pesca com a malhadeira, o nylon que é feito a malhadeira é 25. Antigamente era com o nylon 80, 70, 60 e deixavam de dormida. Hoje não acontece. A pescaria era feita de tarrafa, e a pesca acontecia no período da maré seca. A melhor maré para pegar peixe no lagamar é na maré de quarto minguante. Curimam e tainha duravam cinco dias, vinha até gente de Itarema, pescavam durante o dia e a noite, deixavam as curiman estendidas na beira do rio. No local do lagamar hoje, era uma grande mata, mas houve uma grande cheia, aí abriu o lagamar.

Segundo tio Dete conta, que o senhor Dola disse que este lagamar iria acabar e formar um tremedal. Hoje, os peixes com que nos alimentamos são todos congelados, sem sustento. Antigamente, os peixes eram saudáveis, porque os peixes eram capturados na hora e comidos na mesma hora, com todo sangue, por isso todos eram saudáveis, a falta que tinha era a farinha.

Por causa da lua. Quando é lua cheia, quando nasce no mar, a maré está um quarto seco e, no lagamar, ela está enchendo. Quando for às 10 horas, ela está seca.

Os principais peixes são curimam e tainha. Hoje só tem peixe miúdo, como saúna, carapeba, miguelão, moré e ca-

marão. O que acabou com o lagamar foi a cheia de 72 levando tudo, logo as ostras. A gente pegava os peixes amassando, colocava a tarrafa enterrando o chumbo, aí ia amassando os peixes com a mão. A tarrafa era feita de fio de algodão e tecida com uma tabuleta e uma agulha. A malha era a cabeça de dois dedos, e passavam seis dias para fazer uma tarrafa.

Como é feita a pesca de tarrafa?

É lanceando durante o dia, colocando o peixe numa enfiadeira, porque eram os peixes maiores, e, durante a noite, coloca dentro do uru.

Como é feito o curral no rio?

É feito com mourão e tecido com varas. As espias são amarradas com cipó ou corda de nylon, o curral do rio só tem o chiqueiro e as espias, é despescado com o landuá, e o landuá é feito de fio tecido.

Hoje a pesca de camarão é feita com a tarrafa e de rede. Com a tarrafa é lanceando e pega os maiores. Com a rede, é duas pessoas, uma leva dum lado, e uma leva do outro, puxa os camarões grandes e os miúdos. A malha da tarrafa é a cabeça de um dedo mindinho, e da rede também. Hoje não é como de antigamente. O rio é importante porque tem ajudado muito a população indígena.

É lagamar porque, quando a maré enche, alaga todas as croas e o mangue, e, quando seca, fica água só nos canais. Antigamente, a maré secava, e, nas croas e no mangue, ficava alagado.

ANEXO 6

MANOEL RAIMUNDO CABRAL, 70 anos, nasceu e se criou em Varjota, e hoje é liderança indígena Tremembé de Varjota. É conhecido como Mané Maroca.



A lua posta está com um quarto seco na costa. A maré maior é que é boa de peixe, maré choca é quando o quarto é minguate. Da lua cheia para a lua nova, o quarto crescente que é bom para pegar peixes.

Como é feita a tarrafa?

Antigamente era feita de fio de algodão e linha, comprávamos os tipos 1, 2, 4 e 8 também de algodão. A corda de botar de baixo pra colocar o chumbo era torcida na mão e a corda para colocar no punho da tarrafa era torcida no carretel. A tarrafa normal na pescaria, a malha era de dois dedos. Agulha e tabuleta para fazer a tarrafa. A tarrafa coloca o chumbo na boca e joga, ou seja, lanceia. O curral no rio coloca os mourões e tece as esteiras, ou seja, as espias, com um chiqueiro. A pesca no curral é feita com landuá. A malhadeira coloca um pau de um lado e do outro e estica a malhadeira no nylon 25 ou 30. A pesca do camarão é um pouco lenta, tem que ter muita paciência para pegar estes camarões.

Tarrafa, linha de pescar siri, pegar siri de forquilha, malhadeira e rede. Houve um tempo que o povo queria pescar com esse tipo de armadilha, mas nos reunimos e ficou por

menos. Pegavam muito guaiamum, porque tinha muito pé de munfumbeiro, onde os guaiamuns se criaram.

No curral, a maré é importante porque é que traz o peixe. Quando chega a força da maré, dá muito peixe. Antigamente, a pesca era feita durante o dia e a noite, durante a noite, o pessoal da Varjota ia esperar os outros grupos de pessoas para iniciar a pescaria. No meu tempo, a pescaria era uma animação, parecia que fosse uma seresta. Vinha gente pescar de Itarema, do Touro, a pescaria janeiro a fevereiro, era um bom tempo para fazer uma boa pescaria como curuca; ubarana curimai; era um momento de grande fartura, também pescavam de choque. Houve um tempo de pescaria de camurim com linha de mão.

Antigamente, o lagamar era todo igual, ou seja, o povo Tremembé confiava primeiramente em Deus e no lagamar, até que foi conhecido como pai dos Tremembés. A tarrafa para pegar camurim no lagamar era quatro dedos. Antigamente não tinha ganância, só pescavam para alimentação. O rio pra mim é tudo. O lagamar é um alagadicio, ou seja, é espalhado, não tem canal. Quando comecei a pescar foi com uns 8 anos de idade.

ANEXO 7

LUIS MANOEL DO NASCIMENTO é conhecido como Luiz Caboclo, tem 60 nos, é liderança, pajé e Mestre da Cultura. Mora na Aldeia de Varjota.



Entrevista realizada em 2/5/2012.

A pescaria no lagamar é a pescaria de tarrafa, caçoeira. O povo Tremembé foi contra, de choque quando o lagamar tinha capim, algumas pessoas pescavam de choque, linha de mão, curral. O curral era feito na hora e desmanchado na mesma hora, feito de lama. Uma pessoa iniciava fazendo um polmeiro, e os outros acompanhavam de 5 e 5 passos, uma pessoa pra outra, faziam circulo e pescavam no pé do polmeiro, o peixe ficava dentro. A colheita de ostra, caranguejo, unha de velho, e guaiamum, o mão no olho, o aratum, sié e curral feito de madeira, a tapagem todos os finais de inverno para o peixe não voltar, a jangarela era feita de fio é do modo de uma rede de dormir.

A hora da maré seca tem uma influência, e a maré cheia, tem outra. A pesqueira é nos alagados quando a maré está cheia, e na maré seca se pesca no porão que é o meio do rio.

No sair da lua, quando a lua sair, a maré está seca na praia, no rio, ela está começando a encher. Os peixe era tainha curimam, ubarana, sargo, salema, carapeba, zamboque, carapicu, bagre, pacamon e outros.

Como é feita a tarrafa?

É um segredo muito grande, se estiver um nó errado no botar da corda, ela fica errada. A medida normal de uma tar-

rafa é 12 a carreira de crescido, 3 palmo de saco, um pano morto. Antigamente, as tarrafas eram nove palmo de crescido, 3 palmo de crescido e pano morto. Ela começa com 48 malhas, 12 carreiras, 8 cabeças de crescido, ela fica com nove braça de roda. Com tarrafa é correndo atrás dos peixes e lanceando os peixes, e outros ficam só lanceando.

Como é feito o curral no rio?

É feito com madeira tecido com cipó, ele tem um chiqueiro e espias, é despescado com landuar que é feito com fio de algodão fiados pelas mulheres.

A pesca com a malhadeira é uma pesca predatória?

Como é feita a pesca com a tarrafa, a pesca estica a malhadeira do lado pro outro, e todo peixe que passa malha. Na medida certa, é colocada na enchente da maré e tira na vazante, ela tem uma malha proibida pelo Ibama. O tamanho da malha é carapuça de um dedo. Primeiramente, o nylon era 25 ou 30, hoje já estão utilizando nylon 60 para pegar camurim.

A pesca de camarão é feita com tarrafa e rede. Antigamente, não tinha a pesca de camarão, quando acabou o capim no lagamar que deu início a pesca do camarão. O povo não tinha tanto interesse de pegar o camarão porque era mais pra comercializar e tinha muito peixe no nosso lagamar, por isso povo não ia se empalhar na pesca de camarão. Hoje, as tarrafas são feitas de nylon com uma malha miúda, que prova a carapuça de um dedo. Os antigos eram sábios cientistas e diziam essas frases: Deus tira os dentes e alarga a goela. O lagamar representa para mim o nosso pai, se não fosse o lagamar, nós não existia aqui, porque ele é uma fonte de alimento e um símbolo para o povo Tremembé.

O povo da Varjota chama o rio de lagamar porque é alagado bem largo. Para o povo da Tapera é chamado de rio porque tem canal estreito. A vida do povo Tremembé vem vivendo do lagamar, nasceu nele e vai se acabar por ele, que ele é a vida do povo Tremembé.

ANEXO 8

JOÃO GOMES DOS SANTOS, 74 anos, nasceu em Tapera, liderança indígena Tremembé do aldeamento de Almofala, mora na Aldeia Tapera.

Entrevista realizada em 1º./5/2012.



Quais os tipos de pesca com as mãos?

Choque, de landuá, linha para pegar peixe e para pegar siri, curral, manzuá, tarrafa e jangarela. Com a mão, quando na lama, pegava peixe, camarão. Choque ficava choqueando na água. Ele é feito de vara, faz um círculo de cipó. A lua melhor para pescar é a maré de lua nova. Curimam, carapeba, camurim, bagre, ubarana, salema, sargo, carapicu. Durante o dia, era a pesca de tarrafa, e, de noite, jangarela. Pesca com jangarela é esperar o peixe de salto. Jangarela é feito de fio de algodão. Tece o fio como uma rede de pesca, tece uma esteira de vara e coloca a jangarela a esperar o peixe. Antigamente, os peixes eram sadios. Um quilo de pilombeta era uns 25 peixes, e hoje diminuíram, só dá uns 7 ou 8 peixes.

Como é feita a tarrafa?

Era feita de fio de algodão tecido na mão, com uma agulha e uma tabuleta. Há vários tipos de algodão: algodão inteiro, é que era para fazer tarrafa, jangarela e landuá. Apareceu uma linha zero que era pra fazer a tarrafa, por isso abandonaram as tarrafas de fio de algodão. Depois apareceu o nylon, e hoje só existe tarrafa de nylon.

Como era feito o curral?

Era feito com varas, tecido com cipó, hoje é feito com cipó e amarrado com nylon.O curral é despescado com landuá... Sai procurando o peixe, arrastando.

ANEXO 9

JOSÉ FÉLIX DE MOURA, 65 anos, nasceu e criou-se na Aldeia Taperá, liderança indígena Tremembé do aldeamento de Almofala. É conhecido como Trival.

Entrevista realizada em 16/3/2012.



Como era feita a pesca antigamente?

Era feita na costa com jangada feita da raiz de timbaúba, de mulungu e piúba. Depois veio a pesca com jereré, que era feito de fio com um formato de um landuá pra pegar lagosta. A isca é um pedaço de carne ou peixe gorduroso colocada no fundo do jereré, depois arria na água. Depois apareceram umas lanchas, os nossos antepassados pescavam nesses tipos de embarcações. Tinha muitos tipos de peixes como pescada, goloza, biquara, cangulo, parum, serra, cavala e outros. A gente trocava o peixe por farinha, antigamente existia muita fartura de peixe. Se alguém fosse comprar peixe na beira da praia, não era no peso, separava uma parte de peixe e cobrava. O jereré é uma armadilha de pesca feita de fio de seda, pega um pedaço de arame e faz um círculo depois coloca a rede tecida de fios.

E a pesca de manzuá?

Os manzuás são amarrados em uma puxadeira, ou seja, uma corda. Eles são arreados num dia e tirados no outro dia. Ele tem uma isca como osso ou toucinho de porco. Para fixar

o manzuá, coloca em cada manzuá uma pedra com um peso mais ou menos de 20 quilos. Em cada fileira é com 12 ou 18 manzuá, as embarcações grandes levam 1.200 manzuás. Nesta pescaria, em cada embarcação são 8 pessoas: 1 cozinheiro, o motorista, o mestre, o iscador, o cangalheiro, o contramestre, o geleiro e o tirador da lagosta.

Como é feito o manzuá: é feito de arame com pedaços de madeira. Tem um formato quadrado, amarra-se os pedaços de madeira nas pontas, depois tece a esteira a malha é mais ou menos na base de quatro dedos da mão. Para pegar as lagosta grande, deixa uma boca triangular, para entrar lagosta ou peixes.

ANEXO 10

ESTEVÃO HENRIQUE DOS SANTOS, 80 anos, nasceu na localidade de Camboa, mora na Aldeia Tapera, e é liderança em sua aldeia. É conhecido como Estevão.

Entrevista realizada em 9/3/2012.



Há dois tipos de armadilha para pegar camarão: a tarrafa de malha miúda e a rede de arrasto. Há também tarrafas com malha maior para pegar outros tipos de peixes como tainha, bagre e outros que existem no rio.

As tarrafas antigamente eram feitas com fio de seda, com o passar do tempo, foi feita de nylon, como até hoje é utilizada.

O tamanho da malha da tarrafa para pegar camarão é mais ou menos a cabeça do dedo mindinho.

Os pescadores pescam diariamente, mas o período da pesca de camarão acontece nas marés de quarto.

Como é a pesca de currais?

Os currais são despescados no período da maré de vazante, ou seja, quando está secando de uma maré para outra. O tempo é de 40 minutos. Por exemplo, pra ela encher leva 40 minutos e pra secar, a mesma coisa. O curral é feito de vara e tecido com cipó.

E a pesca de linha?

Estrova um anzol nº. 15 na ponta da linha e mais acima uma chumbada para pegar bagre, carapeba. Os pescadores vão

à hora da maré seca ou quando ela está começando a encher. A pescaria não dura o dia inteiro, e sim, só no período da maré.

Como é a pesca no mar?

Há vários tipos de pescaria no mar. A de anzol, estrova um anzol nº. 4 na ponta de uma linha, com uma chumbada para pegar os peixes como cavala, xaréu, cação. Existe um momento para pegar tintureira, também conhecida como travessa, que também se pega com anzol nº. 4. Para pegar os peixes menores, os anzóis são de nº. 12,14,15 e 9, como garajuba, piraroba, enchova, goloza, etc.

Antigamente, a armadilha para pescar lagosta era o jereré, que era feito com fio de seda. Hoje, como tem muita ganância, quando as embarcações cresceram, foi construindo outro tipo de armadilha que se chama de manzuá, que é feito de madeira e arame tecido. O nº. do arame para tecer o manzuá é o 18. Amarra os pedaços de pau nas pontas, depois tece o formato de quadrado, deixa uma boca pra lagosta entrar, coloca-se a isca de toucinho de porco ou osso. A malha do manzuá é mais ou menos de 4 dedos. Em uma fileira, coloca-se de 12 a 18 manzuás, e ele pode ser despescado com 24 horas. Tiveram a ideia de usar o manzuá porque a produção de jereré estava diminuindo, o manzuá pegava mais, então cada vez mais a ambição foi aumentando e inventaram a rede de arrasto, feita de fio de seda, hoje é feita de nylon. Esse tipo de rede é proibido pela IBAMA, porque ela destrói o cascalho e pega a lagosta grande a miúda. Este tipo de pescaria era feita com jangada.

Hoje, a maioria dos pescadores pesca em embarcação a motor, por isso que está a briga do IBAMA com os pescadores, porque pega a lagosta miúda e o samango.

Quando só pescava de jereré e manzuá, não tinha esta perseguição do IBAMA em alto mar, porque os pescadores Tremembé só pescavam o suficiente para se manter, e hoje tem muita ambição dos empresários de barco.

A marambaia é um tipo de pescaria para atrair peixes, e ela é feita de madeira. Leva a madeira para dentro do mar, procura um local com 25 braças de fundura, coloca aquela ma-

deira no fundo do mar, ela fica toda amarrada, feitos os feixes, coloca uma pedra em cima da madeira, pra não se espalhar. Quando a madeira criar arstim, o peixe vem comer. Porque o peixe vem comer em cima da madeira? Porque a madeira solta um limo, e o peixe fica encostado para comer. Quando estiver com alguns dias que foi colocada a marambaia, já pode ir lá pescar. Na marambaia, há vários tipos de peixes como parum, serra, garajuba e outros, e lagosta também.

E a pesca de curral no mar?

Como construir um curral: tira uma quantidade de mourão, finca um mourão mestre e corre a linha, finca dois mourões de encostamento pra fazer o bico do chiqueiro. Faz um de barravento e um de saltavento, puxa pra salinha, faz meia marca da salinha com o chiqueiro, puxa outra meia marca para o outro bico da salinha, corre a linha para o mourão mestre e para a salinha. A salinha se faz de barravento e de saltavento. Depois que ele está muruado, tece-se o arame. Depois do arame tecido, espeda, colocando 6 paus em cada espia, depois cinta o chiqueiro, salinha e os bicos, e, por último, coloca-se o arame.

O peixe corre na espia do curral, entra na salinha grande, vai para a salinha e vai para o chiqueiro. Depois que o peixe está dentro do chiqueiro, coloca-se a rede, faça os peixes, depois puxa pra cima da canoa.

Antigamente, a rede para pesca de curral era feita de tucum, hoje é utilizada de fio de seda.

ANEXO 11

Nomes científicos dos peixes e crustáceos existentes no Mar de Almofala e no Rio Aracatimirim

Ariacó	<i>Lutjanus synagris</i>
Arraia	<i>Dasyatis americana</i>
Beijupirá	<i>Rachycentron canadus</i>
Biquara	<i>Haemulon plumieri</i>
Bonito	<i>Euthynnus alletteratus</i>
Camarão Branco	<i>Litopenaeus schmitti</i>
Camarão rosa	<i>Farfantepenaeus brasiliensis</i>
Camarão vermelho	<i>Farfantepenaeus subtilis</i>
Camurupim	<i>Megalops atlanticus</i>
Cangulo	<i>Balistes Vetula</i>
Cavala	<i>Scomberomorus cavalla</i>
Garajuba	<i>Caranx crysos</i>
Goloza	<i>Genyatremus luteus</i>
Guaiúba	<i>Ocyurus chrysurus</i>
Garaximbora	<i>Caranx hippos</i>
Lagosta vermelha	<i>Panulirus argus</i>
Lagosta verde	<i>Panulirus laevicauda</i>
Pargo	<i>Pagrus pagrus.</i>
Parum	<i>Chaetodipterus faber</i>
Pescada branca	<i>Cynoscion leiarchus</i>
Pescada amarela	<i>Cynoscion acoupa</i>
Sardinha	<i>Opisthonema oglinum</i>
Serra	<i>Scomberomorus brasiliensis</i>
Tubarão	<i>Carcharodon carcharia</i>
Bagre	<i>Sciadeichthys luniscutis</i>

Camurim peba	<i>Sciadeichthys luniscutis</i>
Camurim flecha	<i>Centropomus undecimalis</i>
Caranguejo	<i>Dilocarcinus pagei</i>
Carapeba	<i>Diapterus auratus</i>
Carapicu	<i>Eucinostomus gula</i>
Curuca	<i>Micropogoni</i>
Moreia	<i>Gymnothorax sp</i>
Ostra	<i>Ostrea edulis.</i>
Pacamom	<i>Lophiosilurus alexandri</i>
Salema	<i>Archosargus rhomboidalis</i>
Sargo	<i>Archosargus probatocephalus</i>
Tainha	<i>Mugil cephalus</i>
Ubarana	<i>Archosargus probatocephalus</i>

TÍTULOS DA COLEÇÃO “MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO”

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará

imprensa.ufc@pradm.ufc.br

